

VIDA DE SÃO SÁTIRO



São Sátiro - Mosáico da ábside da Basilica Ambrosiana (séc XI)

MONS. PROF. ANGELO REPOSSI
CÔNEGO MAIOR
DO
VEN. CABIDO AMBROSIANO

VIDA DE
SÃO SÁTIRO
IRMÃO DE STO. AMBRÓSIO

Edições Marcelinas

Tradução: Ir. Zélia Maria Maranhas Dias Leite

Revisão Gráfica: Ir. Ivania Vassali

Impressão: Effetiva Soluções Gráficas

Primeira edição

Vida de São Sático Milão 1957

Pontificia Editrice Arcivescovile G. DAVERIO

Segunda edição aos cuidados das Irmãs Marcelinas

Milão 2013

Foto: Marina Walpot

Grafica: Stefano Ferrari

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

Um livreto esquecido na prateleira da livraria e descoberto graças à procura de um estudioso: eis como encontramos e podemos apreciar esse texto sobre a vida de S. Sátiro, santo que nos é particularmente querido por seus laços de família com Marcelina e Ambrósio.

Publicado no longínquo 1957, em veste muito modesta, mas rico de notícias históricas, seu conteúdo logo nos pareceu ainda válido e interessante. Por isso o oferecemos, em edição renovada, à leitura de quem quiseer melhor conhecer S. Sátiro, sua família dos Aurelii e a situação histórica e religiosa, muito complexa e difícil, na qual viveu.

O texto de Mons. Repossi, escrito antes do Concílio Vaticano II, surpreende pela atualidade, a modernidade, a utilidade dos valores que propõe aos leitores de hoje.

Primeiramente a vida santa desse singular leigo toda centrada em Jesus Eucaristia, os ideais evangélicos de castidade, de sobriedade, de desapego dos bens e do sucesso pessoal e a caridade para com os irmãos mais necessitados, a sua fidelidade à Igreja, o seu empenho generoso de sábia e responsável colaboração pastoral como Bispo.

Como se lê na Constituição dogmática, *Lumen Gentium* (1964): “*A todos os leigos, portanto, incumbe o preclaro*

ônus de trabalhar, para que o plano divino de salvação alcance cada dia mais todos os homens de todos os tempos e de todos os lugares da terra. Consequentemente sejam-lhes dadas amplas oportunidades para que, também eles participem ativamente na obra salvífica da Igreja.” (Lumen Gentium IV, 33)

E ainda: *“Os sagrados pastores, porém, reconheçam e promovam a dignidade e a responsabilidade dos leigos na Igreja. De boa vontade utilizem-se de seu prudente conselho. Com confiança entreguem-lhes ofícios no serviço da Igreja. E deixem-lhes liberdade e raio de ação. Encorajem-nos até para empreender outras obras por iniciativa própria. Com amor paterno, considerem atentamente em Cristo as iniciativas, os votos e os desejos propostos pelos leigos. Respeitosamente reconheçam os Pastores a justa liberdade que a todos compete na cidade terrestre.”*(L.G. IV, 37).

“Desta convivência familiar entre Leigos e Pastores se esperam muitos bens para a Igreja. Desse modo se reforça o senso da própria responsabilidade, é favorecido seu entusiasmo e, mais facilmente, os talentos dos leigos se unirão aos esforços dos Pastores. Estes, por sua vez, ajudados pela experiência dos leigos, podem decidir-se mais clara e competentemente tanto nas coisas espirituais como nas temporais. E assim a Igreja inteira, robustecida por todos os seus membros, cumpre mais eficientemente sua missão em prol da vida do mundo.”(L.G. IV, 37)

Para tornar mais compreensível o texto, ainda válido sob o ponto de vista dos conteúdos e da documentação, pareceu-nos necessária, para maior clareza, leve modificação de estilo, como também trazer, na nota de rodapé, a citação de Santo Ambrósio, em latim.

As fotografias, em grande parte as mesmas da primeira edição, foram quase todas retomadas “in loco” e reeditadas a cores.

Somos profundamente agradecidas à Dra. Marina Walpot, que se disponibilizou para tal serviço fotográfico sob a competente guia de Monsr. Biagio Pizzi, Arcipreste da Basílica Ambrosiana, Monsr. Gianni Zappa, que amavelmente nos concedeu pegar os dois medalhões de bronze dourados de Ambrósio e Sático dos lados do altar de Santa Maria junto a São Sático, e enfim ao Dr. Paolo Polvara di Avvenire, que gentilmente nos colocou em contato com o Sr. Giovanni Visini, expert e apaixonado fotógrafo, a quem devemos as imagens do afresco quattrocentesco representando Sto. Ambrósio, Sta. Marcelina e S. Sático, no oratório de Sto. Ambrósio, em Brugherio.

Nossos agradecimentos vão também à Professora Gabriella Cattaneo pela interpretação artística do vitral de S. Sático da capela das Irmãs Marcelinas de Tomaseo e ao Prof. Stefano Ferrari que, com paciente cuidado e precisão, cuidou da parte gráfica desta nova edição.

S. Sático nos ensine a santidade da caridade no nosso serviço cotidiano e a ela nos encorage com sua intercessão.

Suor Vittoria Bertoni das Irmãs Marcelinas

Milão, outubro de 2013

APRESENTAÇÃO

“Quando um de nós estava sem o outro parecia-nos faltar o apoio mútuo: transparecia no rosto a tristeza da alma; o distanciamento trazia a tristeza da solidão; cada um parecia pedaço de uma pessoa esvaçada [...].”

“Quando andávamos juntos, eram mais as nossas palavras que nossos passos; mais vibrante o nosso falar do que solícito o nosso caminhar. Andávamos sem nos preocuparmos com o caminho, enlevados apenas pela suavidade da nossa conversa, um pendia dos lábios do outro [...].”

“Oh, quanto eu admirava, comigo mesmo, em silêncio, as tuas virtudes! Quanto me alegrava por ter sido agraciado pelo Senhor com um irmão tão recatado, tão forte, tão inocente e de tal forma simples, que, quando meditava a tua inocência, parecia-me impossível a tua fortaleza, quando meditava a tua fortaleza não compreendia tamanha inocência! Mas tu, por especial virtude, unias uma e outra! [...].”

“Eras tu que enchias a nossa vida, nas incertezas e nas alegrias [...].”

“Eras o único que me ajudavas em casa, e me honravas fora dela. Eras para mim um árbitro nos conselhos. Participavas do meu ofício. Tu amenizavas a amargura da solidão. Afugentavas minhas tristezas. Eras testemunha da minha vida, defesa dos meus projetos. Tu, em uma palavra, eras o único no qual se tranquilizavam todas as

nossas preocupações do cuidado doméstico e da administração pública.”(De excessu fratris – passim).

Com que melhores palavras poderia eu fazer a apresentação da figura de Sático, senão recordando aquelas pronunciadas, com emoção por seu santo irmão no discurso fúnebre dos seus funerais?

Realmente foi naquele dia, quando todos chorando – *quem fletis omnes* – o féretro descoberto, segundo os costumes de então, era levado aos ombros por parentes e amigos. Ambrósio estava entre eles no doloroso e amoroso dever, e Marcelina, velada, seguia recolhida na sua imensa dor, qual anjo orante do triste cortejo. Chegado à basílica, Ambrósio deixou o cortejo, colocou as vestes pontificais para o sacrifício. Subiu ao ambão e em meio ao silêncio religioso de toda a multidão reunida, reprimindo o pranto que ameaçava sufocar-lhe as palavras na garganta, abriu sua alma cheia de Deus e seu coração pleno de ternura fraterna e deixou jorrar sua férvida e humana eloquência, toda embebida na mais viva fé.

Nunca se ouvira dizer que algum Bispo tenha enaltecido, dentro de uma Basílica, as virtudes de um leigo!

Primeiro exaltou suas virtudes em família. Depois passou ao elogio sobrenatural das virtudes teológicas exercidas por Sático em grau heróico e no resplendor de uma castidade perfeita. Se a recordação da ternura e da vida familiar nos apresenta um quadro de identidade física e moral entre os dois santos irmãos, na exaltação das virtudes sobrenaturais, parece-nos ouvir um decreto de canonização. Foi precisamente essa auréola de santidade que aliviou a dor de Ambrósio.

Em meio à comoção geral Ambrósio desceu do ambão e celebrou o Sacrifício Eucarístico no mais sagrado recolhimento. Depois, em meio ao canto dos Salmos, o féretro foi retomado: as crianças e as Virgens o precediam.

Sátiro vivera casto: era justo o tributo feito ao ideal por ele vivido. Flor dos jardins do Cordeiro fora colhido no vigor da maturidade juvenil, havia formado o suave e contínuo espetáculo do povo, quando estava vivo, e Ambrósio havia evocado suas maravilhas.

No sétimo dia após os funerais, Ambrósio sobe novamente ao ambão e faz um segundo discurso, menos pessoal, mais teológico.

A figura de Sátiro, depois de tantos séculos, não perdeu o valor. Por isso, o Ilmo. Revmo. Msr. Angelo Ripossi fez muito bem ao recordá-la nesta “Vida” que, com muito prazer, apresento às pessoas do nosso tempo, para as quais há ainda uma palavra viva, vibrante a dizer. Especialmente agora que, na Santa Igreja Católica, o laicato foi mobilizado e organizado em várias formas de apostolado.

Entre os pensamentos finais do discurso de Sto. Ambrósio há também este: *“Quem não admirará esse homem entre dois irmãos, uma virgem e outro sacerdote, colocado entre os dois pela idade, iguais a esses pela generosidade, conforto a uma pela castidade, a outro pela santidade?”* (ibid.).

Com respeitosa audácia faço minhas estas palavras, e coloco Sátiro no laicato católico entre o perfume de lírios das virgens consagradas a Deus, dedicadas à oração e à ação, a exemplo da padroeira Santa Marcelina, e à atividade ministerial do sacerdócio hierárquico que se esforçam para seguir os passos do *“Pater et Magister”*, e alcançar estímulo e força para cumprir a missão que Deus lhes confiou.

A delicada, profunda sensibilidade de Sátiro no cuidado dos pobres e no exercício da caridade é fonte para aqueles que, nas Associações caritativas, no amor de Cristo e dos irmãos, se inclinam sobre o irmão necessitado.

A presença ativa, humilde e disciplinada ao lado da hierarquia, personificada no irmão elevado por caminhos misteriosos e miraculosos da Providência ao Episcopado, a uma missão de primeiríssimo plano na Igreja do IV século. Sático imediatamente renuncia à carreira política, inverte a ordem familiar devida à idade, e assume os trabalhos que não usurpam o ministério sacerdotal, mas o amparam nas tarefas facilitadoras. É exemplo vivo, vibrante e persuasivo para jovens e homens da Ação Católica moderna, sob qualquer forma em que se apresente.

E também as outras pessoas que atuam, seja no campo de atividade pública, como no administrativo profissional, encontrarão nele a luz fulgurante de retidão e honestidade que deve acompanhar o cristão autêntico no exercício de tais funções; e sinal de que profissões, na aparência, terrenas, podem ascender a patamares de excelência e de valores sobrenaturais.

A cena vigorosa do naufrágio com Cristo Eucarístico nas mãos enriquece aquele acontecimento no mar da Galiléia (Lc 8,22ss; Mt14,22ss): lá Cristo está visível, pelo menos na humanidade, aqui está escondido pelas Espécies Eucarísticas: ambas, cenas reveladoras de uma grande fé e de um poema de interioridade sublime. Falam-nos, em nossa época convulsionada no naufrágio de tantos valores, que só em Cristo está nossa confiança, "somente nele há salvação". Pudéssemos todos compreender e, com tal fé, agir!

Monsenhor Ennio Bernasconi

abb. Mitr. Basílica de Sto. Ambrósio

CAPÍTULO I

A INFÂNCIA EM TREVIRI

O Império romano à morte de Constantino

Ao morrer Constantino a 22 de maio de 337, na Normandia, seus três filhos, de acordo com a vontade paterna, dividiram entre si o império. A Constantino II: a província das Gálias com a Ibéria e a Grã Bretanha; a Constante: as prefeituras da Itália de Ilíria com a Macedônia e a Dácia; a Constanzo: o Oriente, que compreendia a Trácia, a Ásia Menor, a Capadócia, o Ponto, a Síria e o Egito.

Após três anos, Constantino II morreu perto de Aquiléia num combate contra o irmão Constante, que então reinou sobre todo o Ocidente. Por sua vez Constante foi morto nas fronteiras da Ibéria pelos soldados do usurpador Magnenzio, que depois foi vencido, perto de Mursa, por Constanzo, que finalmente se tornou senhor absoluto e reinou sozinho, de 350 a 361.

Os reinos de Constanzo

Não se pode dizer que Constanzo tenha sido um bom cristão, ainda que tenha dado aos cristãos os templos que havia tirado dos pagãos, mas aos filósofos pagãos e neoplatônicos deixou a instrução dada às classes mais elevadas, e afinal atraiu sobre si a aversão tanto dos católicos quanto dos pagãos, suspeito como era, e não sem razão, de favorecer os Arianos.

O prefeito Ambrósio

O imperador Constanzo fixara sua corte em Treviri, nas Gálias. Treviri já era uma cidade famosa e esplendida, tanto que, entre as dezessete cidades do império romano, celebradas pelo poeta Ausonio, ela ocupava o sexto lugar¹, precedendo cidades como Milão, Capua, Aquiléia e Arles. Em 337 era prefeito do Pretório em Treviri um cidadão romano de nome Ambrósio (cargo tão importante e abrangente, que comportava poder de jurisdição também sobre a Bretanha, a Espanha e sobre algumas partes da África). Ambrósio pertencia à família imperial dos Aurélii, chamava-se Aurelius Ambrosius, descendia provavelmente de estirpe grega, como o fazem crer os nomes de um filho (Satyrus) e da parente Sothères. Em Roma havia ocupado um lugar de destaque no Senado. Parente dos Aurelii mantinha amizade com os mais ilustres personagens da Urbe. No palácio que tinha aos pés do Monte Capitolino, onde mais tarde foram construídos o convento e a igreja de Santo Ambrósio in Maxima², recebia freqüentemente

¹“*Imperii vires quod alit, quod vestit et armat*”.

² Um dos quarteirões nobres da cidade, junto ao Tevere, com vista do Circo Flamínio, do Velabro e do Teatro Marcello.

homens ilustres: comandantes, governadores, cônsules. Entre eles, um amigo, Anício Probo, que era prefeito da Itália, pediu para Aurélio Ambrósio, honesto e competente, um cargo importante: o de Prefeito do Pretório em Treviri³. A residência ordinária do Prefeito das Gálias era Treviri, e naquela segunda Roma, como a chamou Ammiano Marcellino, famosa pelos palácios, pelo Campidólio, pelo anfiteatro, pelos Termas, na amena paisagem ao longo das margens do Mosela, Aurélio Ambrósio viveu e administrou tranqüilo e honrado. Um antigo panegírico da filha Marcelina, dele nos traz essa lembrança: “distinto pelo esplendor de sua fé.”

A família de Ambrósio

Quando Aurélio Ambrósio se radicou nas Gálias, levou consigo a filha Marcelina que ainda não tinha dez anos, e a mulher, da qual bem pouco se conhece, nem ao menos o nome. Somente nos escritos do filho, que também se chamava Ambrósio, muitas vezes é lembrada como “santíssima”. Se pensarmos que foi dada como esposa a um homem considerado “de fé esplendida”, ela também pode ser tida como mulher de grande fé, na qual educou os filhos Sátiro Urânio, nascido em Treviri em 337, e Ambrósio, nascido na mesma cidade, pelo ano de 340.

³O cargo era importantíssimo, mesmo que os prefeitos, por vontade de Constantino, não fossem mais chefes militares das cortes pretorianas, conservavam toda a administração jurídica e civil de um território mais vasto que um reino. Cobravam os impostos, expediam decretos contra os quais não se podia apelar, enfim, representavam a Majestade de Roma, inferiores somente ao Imperador.

O batismo nas famílias romanas

Nem Sático, nem Ambrósio foram batizados. Isso poderá parecer estranho, uma vez que a família era católica. Mas, nas famílias mais católicas vigorava o costume de adiar o batismo até a maioridade, ou a uma idade mais madura, isto é, quando passado o tempo das vãs paixões, se pudesse verdadeiramente crer no começo de uma vida nova, quando se compreendesse o significado desse Sacramento. Às vezes acontecia que homens e mulheres de profunda religião cristã se aproximassem do batismo quase na velhice, na ilusão de que somente naqueles anos tardios a santificação seria completa e protegida de toda ilusão dos sentidos. Nem passou pela cabeça daqueles fervorosos cristãos que o batismo protelado os privasse, por longo tempo, do estado de graça, da graça santificante.

O prefeito Ambrósio fez batizar apenas Marcelina, porque era a primogênita ou porque fora dedicada a Deus desde o nascimento: para os outros filhos seguiu um costume que a Igreja já condenava e de cuja reprovação Ambrósio, bispo de Milão, se fez intérprete no tratado “De Paenitentia” (Livro II – cap. XI).

A infância de Sático e Ambrósio em Treviri

Os dois meninos, Sático e Ambrósio, eram muito parecidos na aparência e no espírito, tanto que muitas vezes eram confundidos um com o outro. Viveram no exemplo de uma boa educação dada pela mãe, na terna companhia da irmã Marcelina que, dedicada a superiores contemplações, não participava de suas brincadeiras, mas os cercava de terníssimo afeto.

Aqueles foram tempos muito felizes para toda a família de Ambrósio. Na casa do Prefeito do Pretório também se realizavam festas, sempre nos limites do mais honesto

decoro. Sobretudo as férias, nas colinas ao longo do Mosela, deliciavam os meninos e em Marcelina, educada pela solícita atenção da mãe “*matris sanctissimae cura pervigil nutrita*”, reforçavam a resolução de viver afastada do mundo.

Bons tempos também quando o pai passou o cargo a Antonius Marcellinus, mas quis ficar em Treviri, e na corte, sempre gozando da estima e proteção do imperador Constanzo. Porém o pai de Sátiro e Ambrósio morreu novo. Cessados os benefícios da corte e tornada incerta a sorte da viúva e dos filhos, ela retornou a Roma.

Provavelmente era a primavera de 352, época em que o imperador saiu de Treviri para ir a Roma. Pode-se supor, então, que a mãe de Sátiro e Ambrósio tenha aproveitado a ocasião daquela viagem para ter companhia segura.

CAPÍTULO II

SÁTIRO EM ROMA

Os primeiros anos de Sático em Roma

Paolino, biógrafo de Ambrósio, que também fornece algumas informações úteis sobre a vida de Sático, assim escreve: Chegado à adolescência, Ambrósio estabeleceu-se em Roma, com a mãe que ficara viúva⁴. Esta, realmente voltara a Roma presumivelmente com o imperador Constanzo, na primavera de 352. Naquela época Ambrósio tinha doze anos e Sático quinze. Ambos continuaram os estudos em Roma e Sático precedeu o irmão nas aulas de retórica e filosofia. É fácil entrever, desde aqueles primeiros anos, o caráter de Sático que se refletia até mesmo no seu semblante, um semblante de menino bom, simples, modesto e puro. Sático e Ambrósio eram tão parecidos que

⁴ “*Postea vero, cunadolevisset, ET esset in urbe constitutus cum matrevidua...*”

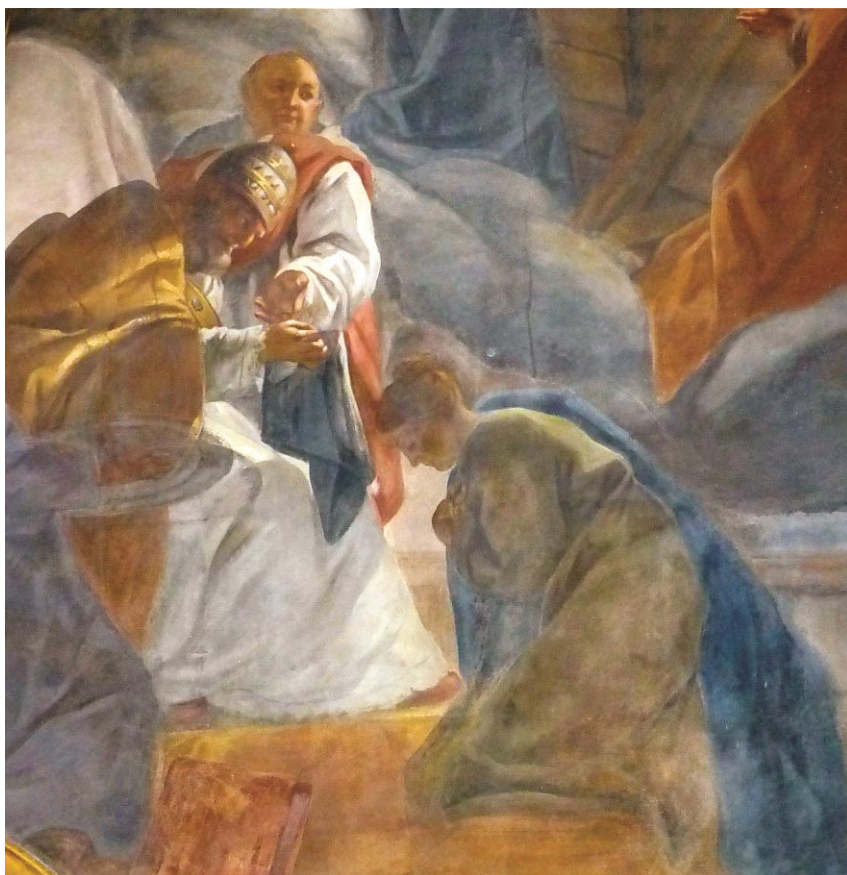
as pessoas muitas vezes confundiam um com o outro, e não havia nos dois irmãos somente semelhança física, mas também uma identidade interior, moral. Pareciam feitos um para o outro, tão parecidos eram os sentimentos e pensamentos, como também as indisposições e as doenças.

Naquela idade em que já se forma o homem, Sático revelou sua índole sem indício algum de desvio. O exemplo familiar da mãe e da irmã muito favoreceu sua educação. Sua casa, a casa dos Aurelii, desde aquela época, podia chamar-se um santuário. Marcelina tinha feito os místicos votos, em São Pedro, na noite de Natal de 353. Aquela lembrança ficou indelével na mente dos irmãos. Mais tarde Ambrósio descreverá a cerimônia no livro “De Virginibus” (1 – III, c. I). Em Sático ficou como uma imagem de pureza que jamais se ofuscou. Talvez naquela noite, ele também, ainda que criança, instintivamente, por vocação, tenha pronunciado o seu voto de castidade, ao qual nunca faltou.

Papa Libério

Foi o Papa Libério quem celebrou as místicas núpcias de Marcelina. O Pontífice pertencia à família Savella. Os Savella e os Aurelii eram famílias amigas desde muito tempo. Portanto, era natural que tal amizade continuasse também depois da ascensão de Libério à Cátedra de Pedro. Natural que ele fizesse ouvir muitas vezes sua palavra confortadora na casa que Marcelina transformara em um pequeno colégio de virgens. Além do Papa, vinham visitá-las os bispos que moravam em Roma e os que por lá passavam. Sático encontrava-se assim num ambiente fora do mundo e de tal forma puríssimo que o tornava manso e tímido. Certa vez deve ter se ruborizado por seu irmão.

Esse, um pouco pela idade, que lhe permitia certas frases brincalhonas, e um pouco por sua vivacidade de caráter, quis imitar a reverência que as santas mulheres, em casa, faziam aos pios visitantes. Vendo como a irmã e suas companheiras se inclinavam e beijavam a mão dos bispos, quis ele que lhe beijassem a mãozinha exclamando: *“um dia eu também serei bispo”*. A Sátiro aquela frase pareceu irreverente e ele nunca se permitira tanto. Nem mesmo ousava aproximar-se do Papa Libério. Olhava-o de longe, encantado, com olhos estupefatos, e sofria por ele se o visse triste.



Basilica Ambrosiana - Ferdinando Porta -1738 - A “velatio” de Sta. Marcelina, realizada pelo Papa Libério. Causou profunda impressão aos irmãos S. Sátiro e Sto. Ambrósio.

Libério, sofrendo muito, encontrava conforto naquela casa. Sucessor de Júlio I, em 22 de maio de 352, dele herdou a luta contra as heresias de Ario. A perseguição contra Atanásio, bispo de Alexandria, encontrou nele um vigoroso defensor e por isso teve de sofrer amargas vicissitudes.

A defesa de Atanásio

Para entender a profunda dor do Papa Libério precisamos dar um passo atrás. No ano 328, fora nomeado bispo de Alexandria o fervorosíssimo Atanásio, que, ainda diácono de seu predecessor Alessandro de Alexandria, já se distinguira no Concílio de Nicéia por sua feroz oposição a Ario que fora golpeado de excomunhão, mas não definitivamente vencido. Pelo contrário, com a morte de Ario, os arianos, especialmente os seguidores de Eusébio de Nicomédia maquinaram tão vilmente contra Atanásio, que ele foi mandado para o exílio por Constantino, embora por breve tempo, sob a acusação de haver impedido o transporte de grãos da Alexandria a Bósforo! Atanásio fora afastado de sua diocese pela segunda vez, em 340, e dessa vez, com aprovação de Constanzo. Convertido Constanzo, o santo bispo voltou à sua fiel cidade, depois de seis anos de exílio, por volta de 346.

Porém, suas tribulações não haviam terminado. Os arianos, e de modo especial os eusebianos, não se deram por vencidos e em agosto de 353, apenas um ano depois da eleição do Papa Libério, renovaram suas acusações contra Atanásio. Suspeitavam de que ele houvesse favorecido o usurpador Magnenzio, e de ter-lhe escrito em termos respeitosos. Dessa vez, o Papa Libério deveria ocupar-se das acusações, mesmo não tendo nenhuma confiança neles, mas foi solicitado pelo próprio imperador Constanzo e pelos bispos arianos, Ursazio e Valente, que no passado fingiram renegar suas doutrinas e abraçar a causa de Atanásio.

Libério havia decidido convocar, para isso, um Concílio em Aquiléia. Mas, como o imperador se encontrava em Arles, foi nessa cidade que os bispos se reuniram e aí, pela terceira vez, condenaram Atanásio. Todos se alinharam contra ele, também Vincenzo, delegado do papa e bispo de

Capua, todos, com exceção de Paolino, bispo de Treviri, que também foi exilado em Frígia. Muitos se desculparam dizendo que condenavam o homem, não a doutrina cristã, mas Lucífero, bispo de Cagliari, não presente ao Concílio, proclamou que, acusando Atanásio, os dogmas da fé cristã eram colocados em dúvida. A ele e a Eusébio, bispo de Vercelli, dirigiu-se o Papa Libério, que havia imediatamente desaprovado o que fizera seu legado, para que obtivessem de Constanzo um novo concílio⁵.

O Concílio de Milão e o exílio de Libério

No Concílio de Milão, do qual participaram mais de trezentos bispos do Ocidente, os arianos pretendiam unanimidade na condenação de Atanásio, e havendo alguns bispos, entre os mais veneráveis, contrários a isso, foram exilados: Lucífero de Cagliari, na Síria; Eusébio de Vercelli, na Palestina; Dionísio, bispo de Milão, na Capadócia e substituído por Aussenzio que não sabia nem ao menos latim. Os outros bispos, entre os quais Fortunato de Aquiléia e Saturnino de Arles aprovaram a conduta do imperador e confirmaram a condenação de Atanásio. Porém, para que houvesse total ganho de causa, era preciso que também o Papa estivesse do lado do imperador e dos arianos. Constanzo mandou a Roma o seu fiel eunuco Eusébio para que induzisse Libério, por bem ou por mal, com magníficos presentes e com terríveis ameaças, a assinar a condenação de Atanásio, aliando-se assim aos arianos. Libério, que mal havia suportado o suplício inferido ao bispo Ilário, barbaramente flagelado, acolheu desdenhosamente as ameaças e os presentes do eunuco, que deveria depor as dádivas na igreja de São Pedro, mas o

⁵Isto de fato aconteceu em Milão, em 355, na presença do mesmo imperador.

Papa o fez tirá-los também de lá. Eusébio informou, então, ao imperador.

Leôncio, governador de Roma, recebeu ordem de mandar o Pontífice a Milão, empregando até mesmo a força, caso ele se opusesse. Capturado em Roma, em plena noite, para que o povo não o libertasse e conduzido à presença de Constanzo, o Papa defendeu a decisão do Concílio de Nicéia e a inocência de Atanásio, declarando-se disposto a ir para o exílio antes que transgredir as santas leis da Igreja⁶. Foi, pois, mandado ao exílio em Berea, na Trácia, e recusou o dinheiro que Constanzo e a imperatriz lhe ofereceram.

O exílio de Libério não deveria ser longo. O povo de Roma não podia esquecer seu Papa. Fora eleito um anti-papa na pessoa do diácono Felice, mas quando o imperador veio a Roma, as senhoras romanas se apresentaram aflitas, e não cessavam de rogar, de suplicar, de insistir para que fosse revogado o exílio de Libério. Também a juventude romana era contra o anti-papa, que mantinha contato com os arianos.

A juventude e os estudos de Sátilo

Sátilo tinha, então, dezoito anos. Frequentava a escola de retórica para tornar-se advogado. Tinha muitos amigos ansiosos, como ele, pela volta do Papa. Entretanto, não se pense que fosse muito expansivo e loquaz com os amigos. Preferia calar-se e observar. Confidenciava com pouquíssimos; quase só com o irmão. De volta a Roma, os dois irmãos travaram amizade com certo Prisco, que depois Ambrósio sempre recordará em suas cartas, e especialmente com Simpliciano dos Altares que, embora

⁶“*leges eclesiásticas observare pluris faciendum censo, quam habere Romae domicilium*” (Theodoret. Lib. II Hist.c. XVI).

dez anos mais velho, tornara-se caríssimo a ambos por ter a mesma fé⁷. Além disso, na casa de Probo, que havia sido muito amigo de seu pai, Sático partilhava os estudos com o filho de Simmaco, com quem discordava todas as vezes que ele expunha suas idéias sobre pagamento, e, por fim, acabaram afastando-o da vida e da convivência com Sático. Ele preferia a companhia de Ponzio Meropio Paolino⁸, parente de Santa Melânia. Com ele Sático podia falar livremente, sem medo de ser incompreendido, e por misterioso que fosse seu confabular, como se falasse de coisa proibida, de nenhum outro assunto tratavam que não fosse sobre os acontecimentos referentes ao Papa Libério, cuja volta todos os jovens de nobres sentimentos, educados nos sãos princípios religiosos, queriam o quanto antes.

Em cada família, nas casas dos pobres como nos palácios dos nobres, a conversa era sobre o Papa, mesmo contrariando a vontade do imperador. Nas Comunidades, as Virgens rezavam e encorajavam os religiosos e amigos a passarem, de casa em casa, até conseguirem que todos, unanimemente, pedissem a libertação do Pontífice. Por fim recorreram a uma petição. Os jovens patrícios foram os primeiros a assinar. Sático se encarregou de que fosse assinada por todos os seus conhecidos e amigos. As senhoras a apresentaram ao imperador. De início ele não queria ceder. Depois recorreu a uma meia medida: consentia, por complacência, que Libério reouvesse o poder, mas não totalmente, porque tal poder deveria ser exercido, em parte, também pelo anti-papa Felice. Com essa decisão Constanzo demonstrava não conhecer o povo de Roma. O povo achava-se no Circo quando surgiu a notícia, e num instante o Circo se esvaziou, a multidão saiu

⁷ Deveriam mais tarde separar-se dele com grande dor. Mais tarde, a sorte quis que ele fosse sucessor de Ambrósio na sede de Milão.

⁸ Depois ele terá as glórias da Igreja como S. Paolino di Nola.

gritando pelas ruas: *“Um só Deus, um só Cristo, um só bispo”*.



Sta. Marcelina com S. Sático e Sto. Ambrósio (crianças). Quadro de Sr Gonin, Marcelina - altar da capela da Casa-Madre em Cernusco sul Naviglio - Milão

O imperador não pode mais opor-se, o movimento ameaçava engolir-lo, reconheceu o Papa e expulsou o anti-papa. Libério voltou como um vencedor e em toda casa em que entrava choravam de alegria ao revê-lo. Sático se inclinou reverente diante dele, não ousava beijar-lhe a mão. Erguido amorosamente pelo Pontífice, estava com o rosto de tal forma banhado em lágrimas que deixou sinais de sua comoção nas mãos benditas.

Giuliano o apóstata

Três anos mais tarde, morria Constanzo. No dia três de novembro de 362, estando em guerra contra Giuliano, o apóstata, morte fulminante o golpeia aos 43 anos de idade, na divisa entre a Capadócia e a Cilícia. Terminava assim seu reinado de 24 anos, dos quais os cristãos não podiam se alegrar. Nem o prantearam como um dos seus, ainda que, quase no fim da vida, se tenha feito batizar pelo bispo Euzébio. Deixou o reino com grandes problemas, e os cristãos, que mal tiveram a paz sob o Papa Libério, encontraram-se envolvidos em outra luta sanguinolenta. Os olhos puros de Sátiro viram o sangue correr de novo, e ele, mais que nunca, temeu pela vida de seu Pontífice, pelo triunfo da sua fé.

Giuliano, o apóstata, é uma figura dramática e sombria, que não encontra nenhum atenuante em suas obras. Foi um homem sempre movido pelo ódio e pela vingança. Pôs-se em luta contra Cristo, que antes havia fingido respeitar. Sobrinho de Constantino, perdeu o pai, morto pelos imperadores cristãos, e logo depois o arrancaram da mãe Basilina. Por decisão de Constanzo foi educado cristãmente numa aldeia da Capadócia. Estava destinado às ordens eclesiásticas, mas os educadores escolhidos por Constanzo eram todos pagãos fanáticos. Giuliano fingiu acatar as intenções do imperador, freqüentou também a Igreja de Antioquia. Em Atenas estudou filosofia junto com Basílio, aquele que depois foi canonizado. Sua rebelião contra o cristianismo explodiu logo depois que se tornou imperador. Arrancou a máscara assim que entrou em Constantinopla. Por toda a sua vida, que foi ignóbil e sem piedade alguma, durante todo o seu reinado, que felizmente foi breve, perseguiu os cristãos e de todas as formas favoreceu o paganismo e a idolatria. Exilou Atanásio. Em vão tentou reerguer o templo de Jerusalém, a fim de renegar a profecia

de Jesus. Em Roma, por desprezo aos cristãos, mandou colocar no Senado a deusa Vitória.

Sátiro não cessou de orar, não duvidou um instante que a justiça de Deus golpearia aquele ímpio traidor, que, na Urbe, abria um a um os templos pagãos e cometia sacrilégios e safadezas diariamente; considerava nada, ou menos que nada, se um pagão matasse dez cristãos. Sátiro não temia por si, mas pela vida de Ambrósio que, mais impulsivo, certamente haveria de reagir imprudentemente a uma afronta. Temia pela quieta e santa vida de Marcelina e por todas aquelas virgens, que de forma alguma poderiam opor-se à fúria sanguinária do imperador que se vangloriava de destruir em si todo sentimento cristão, no dizer do cristianismo, parafraseando César: *“Legi, intellexi, condemnavi”*, e, de fato, suas condenações foram sempre impiedosas, desumanas. Morreu como um cão raivoso, depois de três anos de reinado, em 363, durante a guerra que impensadamente havia decidido contra os Persas. Atravessado por uma flecha, em atroz agonia, teve de reconhecer a vitória de Cristo, e ainda desdenhoso, ao fechar os olhos para sempre, exclamou: “venceste, Galileu!”

Sátiro advogado da corte

Em 363 Sátiro estava com vinte e seis anos, mas não havia perdido tempo. Não obstante as perseguições, infligidas aos cristãos, durante o fatídico reinado de Giuliano, terminou regularmente os estudos literários e os jurídicos. Inscrevera-se no rol dos advogados da Corte. Mas antes de assumir a magistratura na Urbe, ele deveria deixar Roma para fazer o necessário tirocínio na província. O

silencioso Sático havia apresentado dotes de rara eloquência no seu exórdio feito na prefeitura de Roma. Seu irmão Ambrósio, ainda estudante, que havia assistido seus primeiros discursos, não deixou de nos enviar um eco desse sucesso⁹: Sente-se, em tais expressões, uma admiração perpassada de emoção e profunda benevolência. Ambrósio, sempre o melhor amigo de Sático, aquele que o entendia também no silêncio e adivinhava, por afinidade, até os mais recônditos pensamentos. Os outros, os companheiros de estudo e de honestas diversões não podiam penetrar no íntimo daquela alma tímida, que, um pouco esquivada aos contatos mundanos, se subtraía a uma completa comunhão espiritual com quem não fazia parte de sua família. Entre todos, apenas Paolino di Nola e Simpliciano degli Altari tinham condições de compreender que alma se escondia sob a aparente severidade, mas alguns se afastavam dele, muito solitário, como, por exemplo, o filho de Simmaco, cuja beleza tornava um pouco tolo.

A semelhança com Ambrósio

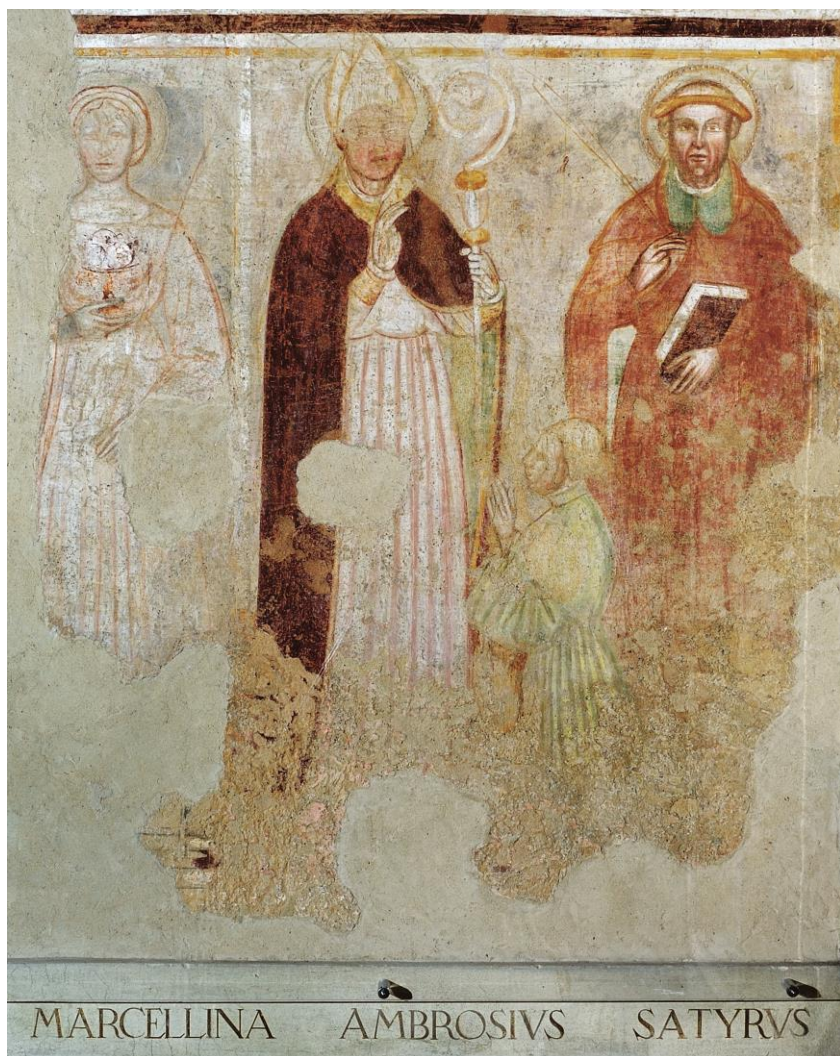
A Sático restava apenas um único e verdadeiro confidente, o irmão Ambrósio. Estava unido a ele por uma mesma vontade. Não podiam viver separados, tanto que era raro ver um só dos dois irmãos. Longe um do outro, parecia-lhes faltar alguma coisa, o apoio de outra pessoa, aquela companhia e aquela proximidade que os alegrava, que lhes transmitia coragem e energia. Havia uma

⁹*“Nam quid spectatam stipendiis forensibus eius facundiam loquar! Quam incredibili admiratione in auditorio Praefecturae sublimis emicuit!”*

igualdade de mente e de coração que se manifestava também naquela semelhança fisionômica através da qual uma pessoa se manifesta na outra e uma alma na outra. Ambrósio se alegrava quando uma ou outra vez o confundiam com Sático, e benevolente ria de quem, cumprimentado por Sático, achava que ele já o tivesse cumprimentado. Aquele ditoso engano o enchia de alegria¹⁰.

Parecia que a sua semelhança se acentuasse sempre mais com o desenvolver da pessoa. Sático, como Ambrósio, não era alto nem de robusta complexão. A mesma cor de cabelo: loiro na infância, escuro quando adultos. Olhos grandes e vivazes, de um brilho bondoso, que jamais dardejavam de malícia; nariz longo e afilado, boca delicada. Todo o rosto denotava elegância, a menos que o delineamento delicado fosse mitigado, na sua doçura, por curta e não áspera barba.

¹⁰“*Quae mihi hinc gaudia, quanta frequenter oborta laetitia, quod eos errare in nobis cernerem! Quam gratus error, quam iucunda prolapsio, quam religiosa fallacia, quam suavis calumnia! neque enim de tuis erataliquid aut factis aut sermonibus, quod timerem, quin mihi tua laetabar adscribi*”.



Sta. Marcelina, Sto. Ambrosio, S. Sátiro. Afresco quatrocentesco no Oratório de Sto. Ambrósio, em Brugherio. (Foto G. Visini)

Por sinal, notava-se em Sátiro o mesmo hábito que Ambrósio tinha de levantar uma das sobrancelhas ao se admirar de alguma coisa. Tudo era muito semelhante entre

os dois¹¹. Uma a mente, um o coração, somente não punham em comum os segredos dos amigos, e não por temer que se espalhasse, mas por fidelidade à palavra dada.

“E ainda que os amigos dissessem a um de nós uma coisa, para que o outro a soubesse era tal a fidelidade e o segredo, que nem ao irmão se contava. Era prova segura de que nenhuma pessoa estranha, de fato, conhecia o segredo, que nem o irmão o sabia”.

Ambrósio e Sático, inseparáveis pessoas, e eram uma só coisa no afeto. Mas chegou, também para eles, o momento da separação. Sático devia deixar Ambrósio e Marcelina, sua casa e Roma por seu dever de ofício. Os acontecimentos em suas vidas, até aquele momento, eram os mesmos: Deus não poderia deixá-los separados por muito tempo.

¹¹*“individuus spiritus, individuus affectus, solum tamen commune non erat secretum amicorum”.*

SÁTIRO NAS PROVÍNCIAS E EM MILÃO

Sátiro nas Províncias

Sátiro começou, o seu peregrinar em 363. Naquele mesmo ano Giuliano o apostata havia morrido, e com ele desaparecera a descendência de Constantino. Os soldados elegeram Giovanino como seu chefe e imperador. De início ele se havia recusado dizendo: *“eu não posso reinar, eu sou cristão”*. Ao que a maior parte dos soldados respondeu: *“também nós somos cristãos”*.

No seu breve reinado, de poucos meses, Giovanino estabeleceu a paz com os Persas, trouxe do exílio Atanásio, que durante o reinado de Giuliano havia ficado escondido em Alexandria, e concedeu grande liberdade religiosa.

No começo de 364, os soldados que Giovanino estava reconduzindo da Pérsia, reunidos em Nicéia de Bitínea, deveriam escolher para si outro chefe. No dia 24 de fevereiro, elegeram Valentiniano, que era filho de um capitão da Panônia.

Valentiniano não sabia senão o latim, não conhecia senão a arte militar. Rude e selvagem, violento em seus ímpetos de ira, mostrou-se um chefe hábil, porém incapaz de reger dois impérios. Como estivesse indeciso sobre a escolha de um imperador do oriente, os mais velhos dentre os soldados assim o aconselharam: *“se tens amor à pátria, escolhe um colega entre teus filhos. Se não tens amor senão a ti, lembra-te de que tens um irmão”*. Valentiniano escolheu o irmão Valente que tinha caráter talvez mais fraco, desconfiado e cruel. Ele também não entendia uma palavra de grego, entretanto reinou no Oriente, arruinado de um lado pelos Persas, de outro pelos Godos. Era ariano e, sob influência do bispo Eudate de Antioquia, perseguiu os católicos, exilou muitos bispos, entre os quais Pelágio de Laodicéia, Eusébio de Samosate e, de novo, Atanásio de Alexandria que teve de esconder-se num sepulcro até que, depois de quatro meses, pode retornar à sua cidade, onde viveu em paz e morreu em 373.

Defensor dos católicos, no Oriente, foi aquele Basílio que havia estudado em Atenas com Giuliano, e que eleito bispo de Cesaréia, no Ponto, dedicou toda sua vida ao triunfo da fé católica, resistindo às lisonjas e às ameaças do Prefeito Modesto e do próprio imperador. Basílio foi o primeiro a estabelecer contato do Oriente com o novo pontífice, que depois da morte de Libério, a 24 de setembro de 366, era o espanhol Dâmaso, irmão de Santa Irene.

Dâmaso não teve vida fácil nem nos primeiros dias do seu pontificado. Valentiniano, que naquela época havia repudiado sua esposa e casado com a ariana Giustina, não se mostrava, naquela ocasião, favorável ao cristianismo. Ao Papa Dâmaso opôs o anti-papa Ursino, que foi deixado em Colônia quando Valentiniano voltou à sua primeira esposa, em 367.

Em 367, Ambrósio, cujo coração sofria por causa da separação de Sátilo, tendo completado vinte e sete anos e se tornado também ele, advogado, como o irmão, deixou Roma para prosseguir na carreira de magistratura. Convidado então a deixar Roma para assumir um cargo na Prefeitura do Pretório, em Sirmio, defendeu tão esplendidamente algumas causas que o célebre prefeito Anício Petrônio Probo, sucedido por Vulcatius Rufinus, logo o elevou ao cargo de conselheiro, e, não satisfeito, o condecorou com a dignidade consular, e então o apresentou a Valentiniano para uma das mais importantes prefeituras da Itália. Sempre segundo Paolino, precisamente em 374, Ambrósio chegava a Milão para governar a província de Liguria e de Emilia, que abrangiam também as terras das Igrejas de Milão, Turim, Gênova e Bolonha.

Ambrósio eleito Bispo

Aconteceu que, justamente naquele momento, morreu o bispo Aussenzio, de Milão. Bispo pelo modo de dizer, porque, por sua conta, substituiu Dionísio, que fora mandado para o exílio por Constanço. Por vinte anos havia “usurpado e ocupado com bárbaro método de opressão a igreja Milanense”. À sua morte o povo se insurgiu pedindo um bispo. De Treviri Valentiniano ordenava que os prelados da Itália se reunissem para nomear o novo bispo: *“elegei, rapidamente, para a sede episcopal de Milão um homem que possua todas as perfeições (luz da ciência, santidade de vida, pureza de doutrina) para que possamos com humilde sinceridade submeter-nos à sua sagrada autoridade e receber suas severas repreensões como*

*remédios salutareis. Pois somos humanos e podemos cair*¹².

Os bispos cristãos e arianos discordaram entre si e voltaram novamente ao imperador, este, porém, não queria imiscuir-se em questões teológicas e respondeu que isso era empresa superior às suas forças e que só aos bispos era concedida essa graça. *“Somente vós sois capazes, por divina vocação”*. Os bispos não conseguiam decidir-se. Então o povo decidiu, e, pelo povo, uma criança começou a gritar: *“Ambrósio bispo, Ambrósio bispo”*. Daquela voz brotou um coro unânime.

Talvez àquela imprevista vontade popular não fosse estranha uma lenda que já circulava pela cidade. Falava-se que na hora de partir de Roma, Ambrósio, tendo-se apresentado a Probo para as diretrizes, este lhe havia dito: *“vade, age non ut iudex, sed ut episcopus”*. E Ambrosio havia se comportado tão bem que o povo não queria outro, a não ele, e por mais que ele fizesse para esquivar-se daquele imprevisto encargo, e tentasse desagradar ao povo fingindo-se luxurioso e cruel, teve finalmente de ceder à voz do povo. Foi batizado no dia 30 de novembro de 374 e consagrado bispo no dia 7 de dezembro do mesmo ano.

“Roubado – como escreveu mais tarde – aos tribunais e à administração pública e levado ao sacerdócio [...] Ah, quanto eu resisti para que não fosse ordenado [...] Porém a minha ordenação fora aprovada pelos bispos ocidentais e orientais [...] E se faltou preparação à ordenação, isto foi por causa da violência de quem me empurrou”.

¹²Theod. Lib. IV, c. 7

Sátiro ao lado de Ambrósio

Marcelina e Sátiro foram a Milão para assistir a consagração do irmão. Enquanto a irmã, apenas abraçou o neófito em vestes brancas, com branca faixa sobre a fronte, voltava a Roma chamada pela custódia à sua pequena comunidade, Sátiro, pelo contrário, não saiu mais do lado do irmão. Deixou seus estudos sem reclamar, renunciou às honrarias, demitiu-se do cargo da prefeitura, que tanto sucesso lhe havia oferecido. Não teve um mínimo de dúvida, nenhum arrependimento: o irmão precisava dele, e por ele se retirava da vida pública, mais uma vez transfundia a sua vida na do irmão, anulava a sua personalidade na fulgurante personalidade de Ambrósio.

Foi um sacrifício obscuro, uma renúncia, uma mortificação que, com toda honra, retornam a Sátiro. E justamente naquele renunciar a uma vida própria, no abandonar toda ambição, na humildade feliz com que ele mudou espontaneamente os hábitos e o curso de sua vida é que está o maior mérito de Sátiro: a sua modéstia, aquele tornar-se somente uma parte da mente, do coração do irmão e aquele despojar-se de todo querer para aceitar só o fraterno, aquele seu tornar-se menos a si mesmo para ser todo do outro, colocam Sátiro em luz mais fulgurante do que se ele tivesse sido advogado da corte ou magistrado de Roma. Poderia parecer uma diminuição, uma perda de personalidade, pelo contrário, justamente daquela forma, ao lado de Ambrósio, não perdeu seu nome, antes o elevou a uma fama eterna. Sátiro ascendia naquele momento à glória dos Santos.

Sátiro não sentia estar cumprindo um dever fraterno: para ele não havia discussão ou dúvida. Parecia-lhe muito

natural que a um dado momento Ambrósio, mais novo, precisasse do irmão mais velho. Era aquele grande amor que finalmente podia demonstrar-lhe.

A situação de Milão

Verdadeiramente, naquele momento, somente Sátiro poderia ser útil a Ambrósio. A situação em que Milão se encontrava era quanto de pior se podia imaginar. O mau governo de Aussenzio a havia deixado num estado de extrema abjeção. Penosa era a miséria, e a ela confrontava-se, insolente, o esbanjamento dos ricos. Pelas ruas os grandes senhores passavam majestosos, com vestes engalanadas, recamadas de ouro. Com a pedra de um só anel poder-se-ia dar pão a um povo, mas não se envergonhavam de negar esmola a pobres nus que morriam de fome e de frio, enquanto eles ornavam os cavalos com freio de ouro. Indiferentes, ou como se não conhecessem, ou não quisessem conhecer a indigência do povo, os ricos enchiam seus banquetes de vinhos excelentes. Saciados procuravam e desperdiçavam pratos finos, pássaros e peixes, os mais raros da região e das praias mais distantes. Fígado de patos, os mais tenros, ostras, as mais procuradas. E a orgias sucediam-se orgias nos salões repletos de flores, entre taças de ouro maciço, em meio a perfumes preciosos. Vinho derramado sobre cândidos linhos¹³. As tavernas estavam cheias de gente que bebia, em um dia, o cansaço da semana inteira. Os homens de armas,

¹³ Àqueles convivas, para maior desgraça, eram admitidos “*unguentatos adolescentulos aut coronatos rosis*”.

esquecidos de seus trabalhos e desocupados da manhã à tarde, por toda a noite assentavam-se em banquetes. Definhavam-se¹⁴, usando faixas de seda, com frisos de ouro, ornados de colares e cintos. Além disso, as mulheres, rosto e lábios lambuzados de cosméticos, a cabeça carregada de um amontoado de enfeites, com as orelhas quase rasgadas pelos brincos, não dormiam senão sobre almofadas de púrpura, não repousavam a não ser em liteiras de prata, nada mais desejavam que possuir diamantes nos dedos e colares de ouro ao colo. Ombros descobertos e grande parte do corpo; vestes longas, talhadas com arte. Sob aquelas vestes de seda preciosa congelavam-se, mas o preço daquelas vestes as consolava de todo sofrimento. Bebiam até a embriaguez, e ébrias ousavam mostrar-se em público¹⁵. O matrimônio tornara-se um peso, um enfado, considerado um vínculo que se podia infringir à vontade. Se nos tempos de Sêneca havia mulheres que trocavam de marido cada ano, se na época de Juvenal havia mulheres que, em cinco anos, trocaram oito vezes de marido, no século de Ambrósio contava-se, sem escândalo, que um marido havia enterrado a vigésima primeira mulher.

¹⁴“*Sine hostibus turbatos, sine senectute tremulos, in ipso iuventutis flore marcentes*”.

¹⁵ “*In plateis inverecundis etiam viris sub conspectu adolescentulorum intemperantium choros ducunt, iactantes coronam, scissae amictus, nudae lacertos, plaudentes manibus, saltantes pedibus, personantes vocibus, invitantes in se iuvenum libidines motu histrionico, petulanti oculo, dedecoroso ludibrio*” (Ambrogio, *De Elia*, XVIII, 36).

Sátiro administrador de Ambrósio

Para aliviar tanta miséria, um dos primeiros atos de Ambrósio, como bispo, foi distribuir seu dinheiro aos pobres e doar suas terras à Igreja, deixando o usufruto a sua irmã Marcelina e nomeando Sátiro como administrador dos bens eclesiásticos. Para reprimir a corrupção e o fausto ignominioso dos ricos, e vetar todo abuso dos poderosos em prejuízo dos pobres, Ambrósio não demora denunciar ao imperador os maus tratos, as violências dos governadores. Valentiniano o ouviu e moderou a avidez dos administradores nas províncias. Além disso, para demonstrar sua deferência por Ambrósio, confiou-lhe o cuidado de sua alma. Infelizmente a ação do bispo de Milão nos seus cuidados não obteve os efeitos esperados. Valentiniano morreu logo depois, enquanto se preparava para a guerra na Ilíria.

Sátiro tornara-se o administrador do irmão¹⁶. Somente em Sátiro estava concentrada toda a agenda particular e pública da casa do bispo, de tal forma que ele não fosse de forma alguma molestado. Ambrósio não tinha tempo nem jeito para prover as necessidades da casa, a administração especial que o novo cargo exigia. A importância da Sede milanese era tal que não permitia a seu representante ocupar-se com coisa alguma a mais. Milão era a sede do Império do Ocidente. Em Milão residiam o prefeito da Itália e o bispo metropolitano da Itália. Toda a magnificência da Corte, todo o movimento que nunca se separa afazeres civis e militares, há muito, faziam de Milão um centro mais importante que a própria Roma, construída fora das grandes vias de comunicação e isolada nos seus vestígios de

¹⁶“*Tu unus in quo domestica sollicitudo resideret, publica cura quiesceret*”.

glória. Milão era, portanto, o verdadeiro centro do Ocidente, centro com o qual nem mesmo Aquiléia se podia comparar. Por sua posição, parecia destinada a servir de ligação entre o Ocidente e o Oriente.

Era de se admirar que o “Presul Magnificus”, entre os muitos trabalhos de grande responsabilidade, encontrasse tempo também, naqueles primeiros anos, para escrever as homilias que aparecem sob o título “De Paradiso” e os discursos “De Cain et Abel”, e os três livros “De Virginibus”, mas não se podia pretender que ele se ocupasse também com os pobres, com patrimônio eclesiástico, e com a família episcopal.

Dessas coisas Sático se ocupou e assim se tornou o diácono de Ambrósio.

Um diácono leigo

Ao confiar-lhe o cuidado dos pobres, a administração das finanças eclesiásticas, o governo da família, Ambrósio não se comportou de modo diferente dos Apóstolos, que, entregues à pregação do Evangelho, que exigia meditação e oração, para não desviar a mente e a obra da sublimação espiritual, abandonaram a administração dos bens, até das viúvas e das crianças, entregando-a aos escolhidos entre os melhores do povo de Deus, aos Diáconos. É verdade que o Apóstolo recomendava que não fossem elevados à dignidade de Sacerdote aquele que não houvesse demonstrado saber governar bem a própria casa, mas é também verdade que a administração dos bens constituía uma perda de tempo muito grave para quem devia atender

ao governo de uma diocese, e no nosso caso, de uma diocese como a de Milão. Quem assumia tal encargo compartilhava do ministério do bispo, em suma participava da sua divina missão.

Foi com esse ânimo que Sático se dedicou a seu novo trabalho. Certamente, parecia-lhe fazer assim a vontade de Deus, cumprir seus imperscrutáveis desígnios. Talvez pareça estranho Sático não ter escolhido o Sacerdócio. Pode-se julgar que sua humildade o tenha levado a isso. Escrupuloso que era, sempre temeroso de fazer prevalecer sua vontade, talvez se considerasse indigno de compartilhar da missão apostólica do irmão. Não querendo se casar, conservou-se casto, ainda que não fosse batizado, foi um leigo com funções mais sacras do que leigas. Foi um diácono familiar e não consagrado; considerava-se ainda fazendo parte do mundo, embora tendo, há muito, se afastado dele. Talvez ele já fosse, ou estivesse para ser Prefeito, quando Ambrósio o quis a seu lado, e, curiosamente, permanece como uma figura, ao mesmo tempo de magistrado e de administrador, na casa de um bispo.



Borgognone - Certosa di Pavia. Sto. Ambrósio entre Sta.Marcelina e S. Sátiro, com os santos mártires Protásio e Gervásio.

Colocou-se à frente da casa do irmão e de todo seu patrimônio. Soube administrar e comportar-se tão bem que mereceu muitas vezes o elogio de Ambrósio: “quem mais que tu, no cuidar dos afazeres, no corrigir os súditos, no conciliar os litígios, no defender a justiça, quem foi mais prudente que tu, mais manso e zeloso? Como era agradável teu próprio contestar, e como era sem fel teu irritar-se! Com quanta suavidade adoçavas as correções, e com quanta arte tornavas leves as ordens! Convidado a ser árbitro de costumeiras e inveteradas contendas, empregavas tanta moderação para desfazer os litígios sem desfazer as amizades, que a todos despedias satisfeitos e ganhavas a estima e o amor de cada um. Tua caridade para com os pobres era tanta e tão ardente o teu zelo pela casa do Senhor e para o decoro de seu culto, que eu não temia outra coisa senão desagradar-te, mesmo sem querer, colocando limite ou atraso aos transportes de tua piedade. Tratando-se da causa dos pobres e de Deus, o que te era difícil ou tão temível, que tu corajoso não assumias?!”

O dia a dia de Sátiro

Pelos escritos de Ambrósio é fácil não só notar quais eram os encargos de Sátiro, mas também é possível segui-lo hora a hora, no seu dia a dia. Cuidava dos afazeres; orientava os súditos; dirigia toda a administração da casa. Mitigava as diferenças entre os pontos de vista; interpunha-se como árbitro; punha fim a toda contenda. Acolhia os litigiosos, pessoas de todas as classes. Beneficiava os pobres sem fazer pesar sobre eles o seu socorro. Tinha o dom de devolver o sorriso aos rostos mais desesperados e restituir

serenidade às mentes mais confusas. Tinha um modo especial de dar a própria opinião, mesmo oposta à dos outros, sem jamais dar a entender que quisesse fazer um julgamento, mas sob a forma de conselho, de moderada sugestão, de benévola persuasão. Nunca se irava, mantinha sempre tom moderado e aquela humildade não falsa e não ambígua conquistava a todos. Sátiro, às vezes, excedia-se na generosidade, e sempre insatisfeito quando se tratava de dar, não percebia, muitas vezes, querer dar demais. Em tais casos o irmão devia intervir para colocar um limite àquelas doações, mesmo que depois desagradasse também a ele haver freado aqueles ímpetos do coração. “Prudente, justo, manso e zeloso”. Sua prudência era prova da sabedoria de nunca se aventurar em negócios para dano do próximo. Vimos como a justiça foi sempre exercida sem ofender sequer os adversários. A mansidão e o zelo não provinham jamais de alma medrosa e visavam sempre o bem. Na verdade ele era ardoroso como um apóstolo.

Ambrósio não podia estar sem ele, precisava dele como do único amparo que o reerguia, como único guia que o acompanhava: nas decisões mais nobres de Ambrósio, percebemos o conselho do irmão. Tratava-se, certa vez, da herança de um bispo, Marcello, que tendo deixado todos os seus bens para usufruto de sua irmã com a condição de transmiti-los depois à Igreja, um irmão contestou a doação. Ambrósio decidiu a favor do irmão: “É a Igreja que ganha quando a paz é estabelecida nas famílias, e abre-se aos irmãos e às irmãs a entrada nos tabernáculos eternos”. Se estas foram as palavras de Ambrósio, a presença de Sátiro – ou a lembrança de Sátiro – não seriam estranhos a essa decisão.

Sátiro era o guarda vigilante do descanso e do trabalho de seu irmão. Havia tomado todos os negócios sob sua responsabilidade, todos os cuidados materiais, para que ao outro ficasse mais tempo disponível e mais suave ficasse o correr de sua vida. Sátiro se cansava, administrava, organizava o ritmo regular da casa. Aquietava todas as contendas, afastava todas as preocupações. Acalmava todas as inquietações e Ambrósio podia meditar, estudar e escrever. Pela porta sempre aberta entravam todos à procura de Sátiro, o homem dos negócios, o administrador, o contador e o tesoureiro da casa. Ambrósio nem levantava os olhos de seus livros, nem percebia alguém que o arrancasse de seu mundo espiritual. Não se dava conta do visitante. Santo Agostinho conta que várias vezes entrou no escritório de Ambrósio, ficou longo tempo a olhá-lo sem que esse desse por sua presença. Na outra sala, pelo contrário, Sátiro fazia o balanço do dia e distribuía pão aos pobres.

CAPÍTULO IV

A PARTIDA DE SÁTIRO

O imperador Graziano

Enquanto essas coisas aconteciam em Milão, o imperador Valentiniano morria – como acontecera a Constanzo – de um golpe apoplético, no dia 17 de novembro de 375, enquanto se preparava, através da Ilíria, a combater os Sarmáticos, e, seis dias depois, o exército elegeu o sucessor. Eram dois os filhos de Valentiniano que poderiam aspirar à sucessão, mas um deles, Valentiniano II, era uma criança de poucos anos, nascido da ariana Giustina, enquanto Graziano, filho de Serena, que por breve tempo, em 366, havia sido repudiada pelo imperador, contava naquela época, dezessete anos. Dessa maneira o império do Ocidente ficou dividido: a Valentiniano II, sob tutela da mãe, a Itália, a Ilíria e a África; a Graziano, que depois ficou realmente com todo o governo, as Gálias, a Espanha e a Inglaterra. Sobre o Oriente dominava o tio Valente.

Já vimos como Valentiniano logo se mostrou propenso a seguir os conselhos de Ambrósio, porém mais amigo e sinceramente devotado ao bispo de Milão se demonstrou o

novo imperador. Nunca desmentiu tanta amizade e devotamento. Quando, um ano depois, a Trácia foi invadida pelos Godos que haviam sido expulsos de suas terras pelos Unos, e Graziano teve de transferir a guerra contra os Francos e os Alemães para socorrer Valente, já duas vezes derrotado, Valentiniano II não deixou de pedir apoio moral a Ambrósio, para que o premunisse contra os perigos da heresia no Oriente.

Por mérito de Sático, Ambrósio, deixado livre para se dedicar a seus estudos, havia fartamente falado nas igrejas de Milão, e os seus discursos, que tinham feito o auditório chorar, foram depois guardados sob o título “De Paradiso” e “De Cain e Abel” aos quais se juntou, no mesmo ano de 377, o seu amplo tratado sobre a virgindade e, a pedido de Graziano, os dois livros “De Fidei”.

Levando consigo o precioso viático da fé, a ele doado por Ambrósio, Graziano movimentou-se através da Ilíria para unir-se à tropa de Valente, e já estava para atravessar o Danúbio, quando o tio, a quem já chegara a fama do valor do sobrinho, por inveja, sem esperá-lo, apressou a batalha e em Adrianapoli, no dia nove de agosto de 378, foi vergonhosamente derrotado, e aí perdeu também a vida. Graziano renunciou enfrentar o inimigo e se retirou em Sirmio, preocupado também com uma nova ameaça dos Alemães nas Gálias. Assim, os bárbaros estavam com os caminhos livres até a costa do mar Adriático. Passaram a ferro e fogo toda a Ilíria, prenderam ou massacraram a quantos soldados encontraram no seu caminho.

Em Milão, a notícia da junta desfeita mudou, de um dia para o outro, o aspecto da cidade. Não se viam mais os ricos orgulhosos, que esbanjavam suas riquezas. Não mais as mulheres enfeitadas mostravam, nos espetáculos públicos,

seu rosto lascivo, mas uma turba de povo choroso e temeroso por sua sorte e pela dos seus caros, feitos prisioneiros, abrigando-se em torno do Bispo de Milão.

O ouro das Igrejas

Ambrósio não desanimou; e naqueles dias de desolação, não ouviu nenhuma opinião do seu clero e querendo ir em auxílio daqueles jovens soldados que haviam caído nas mãos dos inimigos, daquelas mulheres e crianças que haviam sido raptadas pelos bárbaros, voltou-se para o único que poderia dignamente aconselhá-lo, o irmão Sático, que pensava como ele. E Sático sugeriu-lhe um ato ousado, que pareceu profano aos adversários: despojar todos os altares e oferecer aquele ouro aos Godos pela liberdade dos prisioneiros italianos. Ambrósio tirou da Igreja Maior os vasos sagrados de metal precioso e as jóias oferecidas à Mãe de Deus, todo o ouro das cerimônias solenes. Confiou aquele tesouro a uma representação para que o negociasse com o inimigo que estava acampado aos pés dos Alpes Giulie, incerto se devia ou não prosseguir. A quem o reprovava por aquela espoliação, Sático respondia com Ambrósio: *”por acaso é melhor conservar um tesouro ou salvar as almas? Os verdadeiros vasos do Espírito Santo não são por acaso os fiéis? Por acaso é o ouro que dá valor aos Sacramentos? O verdadeiro tesouro do Senhor é o seu sangue, que resgata os homens”*.

Ambrósio quer dar satisfação de seu proceder somente ao Pontífice. O Papa Damaso havia convocado, naquele agosto, um Concílio em Roma para confirmar mais uma vez os dogmas estabelecidos em Nicéia, e Ambrósio lá foi, feliz

por rever Marcelina. Ninguém melhor que Sátiro poderia substituí-lo no zelo ardente de piedade e naquele ir ao encontro das mais urgentes necessidades do povo que sofria, por causa da guerra, e pelo acréscimo da miséria. O que Ambrósio poderia mais temer é que o irmão, a quem devia muitas vezes por um freio aos contínuos transportes de generosidade, sem ele, excedesse no prodigalizar ajuda, e talvez a quem não merecesse. Sátiro era feito de tal modo que para si não reservava descanso algum ou tranqüilidade. Tudo lhe parecia supérfluo, até o pouco necessário para subsistência. Com um pão sentir-se-ia sustentado por um dia inteiro, e deixaria também o sono necessário. Sátiro não tinha nenhum cuidado consigo. Sempre antepunha às mais simples necessidades de sua pessoa a urgência de providenciar para os outros, o estímulo da privação, o escrúpulo da abstenção das coisas lícitas e necessárias, o dever de toda renúncia.

O amor pelos pobres

É fácil imaginar a vida de Sátiro nos meses em que Ambrósio esteve ausente. Viveu entre os pobres e para os pobres. Não era apenas sua casa que estava aberta a todos que precisavam de socorro, mas ele pessoalmente ia aos quarteirões mais miseráveis da cidade, levava alimento todos os dias, roupas e a ajuda em dinheiro, que nunca faltava, ainda que se multiplicassem os necessitados. Essa caridade ele a fazia em nome do irmão, atento para que não transparecesse sua renúncia ou privação. Alegria-se quando fazia crer que aquele socorro vinha de outros, dos quais ele era um simples intermediário. Ocultava a própria

bondade para não ouvir agradecimentos, de tal maneira lhe parecia absurda a gratidão a ele e não a Deus. Ao fazer o bem conservava a humildade, dava em segredo, renunciando a todo agradecimento que ofuscaria sua alegria de dar. Dispunha do que lhe pertencia como se fosse de outros. Resumindo: sabia dar com pureza de coração, sem que jamais o socorro devesse pesar ao pobre.

Marcelina em Milão

Ao voltar a Milão no final de 378, Ambrósio levou consigo Marcelina. A piedosa irmã, quando olhava o irmão, não se admirava mais de nada: se ele, em vez de prefeito da Insubria, tornara-se bispo de Milão e, se o bispo de Milão queria que ela deixasse Roma para cuidar de sua casa, era sinal de uma vontade superior à humana. Além disso, por mais que Sático fizesse, sentia-se naquela casa a falta de uma mulher. Marcelina tornou-se a humilde responsável, deixou todo o cuidado de administração a Sático, mas cuidou da saúde dos irmãos, especialmente de Ambrósio, que tinha a garganta fragilíssima e que, depois de longos discursos, ficava sempre rouco.

Parecia voltar aos felizes tempos de Roma, quando na união dos três, havia sempre a maior concórdia. Ambrósio era o irmão tratado com mais cuidado, Sático o conselheiro mais ouvido. “Se algumas vezes acontecesse – é Ambrósio quem fala – de entreter-me em conversa com Marcelina, e se entre nós surgisse alguma dúvida, tomávamos Sático como juiz. Ele não criticava nem um nem outro, apenas procurava satisfazer um e outro, expondo com tal doçura o seu ponto de vista, que ambos ficávamos contentes, e ganhava a simpatia dela e a minha. Se para decidir usava algum argumento seu, fazia-o de modo maravilhoso.” Era a suave maneira do justo, daquele que antepõe, ao interesse

pessoal, o amor ao próximo e se mostra severamente injusto somente consigo mesmo.

A castidade de Sático

Sático não quis se casar. Parece que Ambrósio e Marcelina tenham algumas vezes sugerido que se casasse, mais para testarem outra vez seu apreço pela castidade do que por real intenção de fazê-lo mudar de vida. Os bons irmãos insistiam, especialmente Ambrósio, que tirava daquelas argumentações a confirmação da sua doutrina sobre a virgindade. Mas se Sático não dizia não, talvez fosse para não contristá-los depois de tanta insistência. Toda vez se traía da indecisão, com delongas, que eram um meio para não abandonar o estado de castidade que havia escolhido para si. Sático era muito desprendido das coisas terrenas para procurar mulher. Para ele aquela íntima união espiritual com Ambrósio e Marcelina já lhe proporcionava o calor de afeto. Sua família maior era a dos pobres, tanto que lhe parecia não ter tempo nem inclinação por alguma mulher. A castidade do coração e do corpo completavam-se, habitualmente, pela mais acentuada sobriedade. Embora dando tudo aos outros, não deixava faltar nada àquele decoro inerente à casa de um bispo. Se a riqueza paterna foi, desde o começo, destinada aos pobres, tanto Ambrósio como Sático queriam oferecer honrosa e hospitaleira acolhida aos amigos. Jamais permitiam para si ricas iguarias, mas para os amigos usavam os modos mais gentis, com agradável e honesta liberdade, sem com isso satisfazer os caprichos da vontade nem contentar-se com os prazeres da mesa, entendidos como inútil esbanjar.

Soube encontrar um estado de vida perfeito e sóbrio. *“Não acumulou riquezas, mas não pensem que lhe tenha faltado alguma coisa. Satisfeito com o que tinha não invejou ninguém, contente com o seu, aborrecia o supérfluo. Portanto não esperava que o seu trabalho fosse remunerado, se acontecia, não era para se enriquecer, mas para não ser a vítima de uma fraude ilícita”.*

Partida para a África

Justamente para não ser vítima de algum daqueles traficantes, que ele definia como “abutres do dinheiro”, Sátiro no inverno de 378, e justamente na pior estação, decidiu empreender uma viagem que todos desaconselharam. Um mercador da África, chamado Próspero, há muito havia contraído uma enorme dívida com Ambrósio e sempre adiava o pagamento, dando essa ou aquela razão, certo de que, tratando-se de um bispo, esse nunca haveria de pressioná-lo, para que pagasse, usando força. Ainda que a soma fosse grande, Ambrósio o dissuadia da viagem, mas Sátiro, seja por aquele senso inato que tinha de justiça, seja por querer distribuir aquele dinheiro aos pobres, não temeu os perigos que Ambrósio enumerava.

O pensamento da viagem arriscada, numa estação imprópria, não o reteve. Nem a dificuldade acrescida pela eminência da guerra, nem a doce e serena vida familiar, nem o pressentimento de uma longa separação o

prenderam a Milão. Ambrósio temia por ele¹⁷. Ambrósio suplicou-lhe que confiasse a tarefa a outro, mostrou-se angustiado, ficou realmente mal, como se um obscuro pressentimento lhe cortasse o coração. Confidenciou-lhe suas dúvidas e as horríveis coisas que o esperavam. Mas Sático, àquela angústia fraterna opôs uma decidida e tranqüila vontade: nada pode segurá-lo. Talvez Sático tivesse entrevisto que aquela viagem fosse apenas uma ocasião concedida por Deus para encontrar, no caminho da África, o meio de elevar sua alma à beatitude perfeita aquela que somente a graça do batismo, ainda não recebido, lhe retardava.

A única coisa que Ambrósio pode fazer por ele foi recomendá-lo, por meio de Aurélio Simmaco, a Celestino Tiziano, vigário da África.

¹⁷*“revocabam te, frater, ne ipse Africam petens ac potius aliquem destinares, timebam te committere viae, fluctibus credere, et solito metus maior incesserat animum”.*



Basílica Ambrosiana—
Cripta - Urna dos santos: Ambrósio, Protásio e Gervásio, estátua de prata di S. Sátiro
com bastão de viajante.

CAPÍTULO V

A VIAGEM DE SÁTIRO

Na África

Sátiro partiu na pior estação do ano e quando os Godos, ousados pelo sucesso sobre Valente, depois de avançar até os muros de Constantinopla, avançaram para o ocidente através da Macedônia, do Epiro e da Dalmácia e fixaram-se próximo ao “baluarte da Itália”, os Alpes Giulie. Ameaçavam atravessá-lo, contribuindo, com tal ameaça, para a desordem em nossas terras, enquanto Graziano, retirando-se nas Gálias, ainda não havia nomeado o imperador do Oriente.

Apesar das condições adversas e mesmo valendo-se de navios duvidosos, Sátiro chegou sem grandes obstáculos à África. Segundo alguns autores, poucos dos quais biógrafos de Sátiro, já na viagem de ida ele naufragara no mar da Sicília, mas tal notícia não tem nenhuma confirmação nos

escritos de Ambrósio, que, pelo contrário, afirma: “*Ex Africa redivitum, ex naufrágio servatum.*”

Encontrado na África o comerciante Próspero, Sático logo se entendeu bem com ele. Convencido das razões de seus credores, e não podendo mais adiar o pagamento, saldou a dívida e ao que parece, até com certa largueza. Sático não ficou muito tempo na África e porquanto a hospitalidade de Celsino Tiziano lhe agradasse, não quis protelar a partida nem esperar um navio mais seguro.

Naufrágio ao voltar

A viagem de volta foi péssima. Pouco depois da costa siciliana um vento furioso afastou a nave da rota em direção ao porto de Óstia. Desarvorada, sem a guia do timão, a nave estava para afundar. Os poucos passageiros que levava pareciam destinados a morrer nas ondas. Entre eles havia um cristão, batizado, que, segundo os costumes daquele tempo e com a permissão da Igreja, levava consigo as Espécies Eucarísticas com a qual pudesse se alimentar nos momentos de perigo extremo. Sático, ao contrário, como não era batizado, não estava provido, e não preocupado com sua vida, mas com a salvação eterna, dirigiu-se ao passageiro cristão e lhe pediu pra dividir com ele as Sagradas Espécies. Com a permissão do outro, enquanto os companheiros já se tinham jogado na água, Sático menosprezou a salvação imediata e, preocupado só em não profanar a SS. Eucaristia, envolveu-a em linho branco, colocou-a ao colo, por fim, abandonou o navio quase submerso e jogou-se ao mar, confiando na ajuda de Deus.

Por muito tempo ficou no mar... Sem perder a coragem. Lutou contra as ondas furiosas, e finalmente, chegou à terra.



Tiepolo - Basílica Ambrosiana – O naufrágio de Sático.

Não sabia onde estava, mas antes de procurar refúgio e conforto para si, elevou uma oração ao Senhor misericordioso. Começou a socorrer os náufragos, providenciou para que se abrigassem em alguma igreja. Ele mesmo, antes de procurar uma casa, procurou uma igreja. Somente agora, depois de sua salvação, que atribuiu a Deus,

considerou-se maduro para receber o batismo. Perguntou aos habitantes onde estava; sabendo que era na Sardenha, perguntou ainda se o bispo era realmente católico. Ao saber que se chamava Lucífero, não quis ser batizado por ele.

Defendendo-se dos erros

Para entender essa decisão de Sátilo precisamos lembrar-nos de alguns acontecimentos que fizeram da Sardenha uma terra onde fermentava a heresia.

O Papa Libério, para defender Atanásio, em 353 convocou um concílio de bispos em Arles. Nesse concílio foram poucos os defensores do santo bispo de Alexandria. Entre eles, Lucífero de Cagliari e Eusébio de Vercelli, por isso receberam do Papa o encargo de obter do imperador o consenso de convocar outro concílio em Milão, concílio que teve conseqüências funestas por causa da intransigência do imperador, que como sabemos, mandou Lucífero de Cagliari para o exílio e também Eusébio de Vercelli e Dionísio de Milão, e mais tarde também o Pontífice.

O exílio de Libério não durou muito. Tendo voltado a Roma, convocou o concílio de Rimini, a fim de encontrar um acordo entre os bispos dissidentes do Oriente e do Ocidente. Em número de quatrocentos, vieram os bispos a Rimini e cerca de oitenta, entre eles, eram arianos ligados a Ursazio, a Valente de Núrsia e a Aussenzio, isto é, aos cabeças do arianismo.

Os acontecimentos se desenvolveram de tal maneira que, não obstante as pressões e as ciladas dos arianos, os bispos católicos não entraram em acordo com eles. Uns e outros mandaram, então, separadamente, seus representantes ao imperador para expor-lhe seus pontos de vista. Ursazio e

Valente fizeram de tal jeito que o imperador não recebesse logo os representantes católicos, retidos em Adrianópolis. Nesse ínterim, os arianos trabalharam tão bem que os delegados, em boa fé, modificaram algumas decisões já tomadas. Também em Rimini, os bispos, que antes recusaram aprovar a conduta de seus delegados, por ameaças ou pela longa permanência longe da pátria, muitos, acreditando eliminar toda ocasião de discórdia entre Oriente e Ocidente, deixaram-se, persuadir de que as decisões tomadas em Rimini poderiam ser entendidas em um senso católico, e enfim foram enganados pelo próprio Valente que, enquanto permitia todo o anátema contra os mais grotescos erros de Ario, acabou por introduzir no texto uma frase que, negando a semelhança do Filho com o Pai, favorecia a heresia ariana, “o Filho de Deus não é senão uma criatura como as outras.”

O Papa Libério declarou nulo o concílio de Rimini. Mais tarde muitos bispos declararam terem sido enganados. Depois, o Papa Damaso confirmou também sua anulação. Tudo teria terminado em nada, quando Lucífero de Cagliari opondo-se à obra de Eusébio de Vercelli, que se demonstrava indulgente para com os arianos arrependidos, começou a pedir a revogação de todos os bispos que haviam assinado o acordo de Rimini. Continuando nessa desapiedada intransigência, fechou toda relação com os bispos indulgentes e se tornou inimigo até do Papa, a quem se oporia se esse perdoasse os que haviam caído no erro.

Lucífero professou um rigorismo tal que era contrário a todo princípio de misericórdia da Igreja, e mais erraram seus discípulos que pretendiam representar a única e verdadeira Igreja.

Tornando-se inimigo de todos os católicos, Lúciferu retirou-se na Sardenha de onde o seu culto se espalhou, embora não aprovado pelo Pontífice e por aqueles que o sucederam na cátedra de Pedro. Isso deixou Sátiro de sobreaviso.

«Ubi Petrus, ibi Ecclesia»

A Sátiro não interessava que Lúciferu tivesse sido um bom bispo e que acreditava em Deus, ele provocara um cisma na Igreja de Deus¹⁸.

Sátiro não poderia receber os Sacramentos senão de um verdadeiro Bispo, e somente numa verdadeira Igreja. Sátiro sabia, por uma revelação compreendida somente depois de se salvar do naufrágio, estar na graça do Senhor, e essa graça, confirmada pelo batismo, ele a manteria unicamente se estivesse unido à verdadeira fé.

Sátiro já havia demonstrado, no momento do naufrágio, que não lhe importava a salvação do corpo, mas somente a da alma. Agora, ele queria guardar aquela pureza de alma do contágio da heresia. Ele era muito prudente para não saber que: “Ubi Petrus, ibi Ecclesia”. O seu Pedro não poderia ser Lúciferu de Cagliari, a sua Igreja não se achava na Sardenha. Sátiro embarcou para Roma, enfrentando novamente o mar numa nave inadequada, não se preocupando com os perigos, ansioso apenas, por fazer depressa¹⁹.

¹⁸ O pensamento de Sátiro virá depois resumido por Ambrósio nestes termos: “*Lucifer enim se a nostra tunc temporis communione diviserat et, quamquam pro fide exulasset et fidei suae reliquisset heredes, non putavit tamen fidem esse in schismate*”.

¹⁹ “*Veteri et sentinoso navigio iterum te fluctibus credidisti. Namque dum celeritatem ancuparis, cautelam praetermisisti avidus nostrae gratiae, dissimulans periculi tui*”.

Sátiro recebe o Batismo e a Sta. Comunhão

Não há notícias precisas do lugar onde Sátiro recebeu o santo Batismo e a santa Comunhão.

Locatelli julga que Sátiro tenha sido batizado e recebido a Comunhão na Sicília. Essa opinião não nos parece válida, uma vez que Sátiro teve tanta pressa de voltar a Roma e depois a Milão, que nem esperou uma nave segura, e muito menos desviou, por um longo caminho, a sua viagem de Cagliari até Sicília.



S. Sático, salvo do naufrágio, reza. (Magistretti - Retábulo do antigo altardo Instituto das Marcellinas de Piazza Tommaseo).

Acreditamos que Sático tenha se aproximado dos Santos Sacramentos em Roma, justamente naquela basílica de São Lourenço, onde ele pediu ao Senhor a graça de terminar seus dias em Milão, ao lado de Ambrósio e Marcelina.

O próprio Ambrósio acredita que ele tenha feito essa oração na basílica de S. Lourenço. E por que não imaginar que na cidade de Pedro, e naquela Basílica venerada pelos instrumentos do martírio e pelas relíquias de S. Lourenço?

Podemos imaginar que aqui, cumprindo um voto de peregrino há pouco livre de um perigo mortal, naquele estado de graça, cheio de alegria inenarrável da qual goza apenas aquele que, mediante a SS. Eucaristia, vê aberto o caminho do céu, certo da benevolência Divina, com a alma limpa e puríssima, no recolhimento devoto, depois da Comunhão, tenha reforçado sua oração de agradecimento pedindo a Deus que lhe permitisse retornar aos seus caros. A nossa suposição é muito bonita para deixá-la passar sem lhe dar a devida importância.

Adoece

Sátiro, em conseqüência de sua difícil viagem, adoeceu em Roma. A notícia dizendo que ele estava muito mal, chegou a Milão.

Ambrósio, que partilhava com o irmão as alegrias e as dores, também fisicamente, desde a sua partida não pode arrancar do coração a sombra de um triste pressentimento. De repente pressentiu a morte de Sátiro, mais por íntima certeza do que pela notícia da doença do irmão. Teve um esmorecimento e ao mesmo tempo uma como perda dos sentidos, um mal que a todos pareceu mortal. Não lastimava seu estado, mas a ausência de Sátiro. Chamava-o e o queria junto a seu leito. Queria que ele e sua santa irmã fechassem seus olhos com o fraterno toque de suas mãos²⁰.

Sátiro resistiu à doença, restabeleceu-se e, Ambrósio, de longe, sentiu-se também restabelecido em sua saúde. Não

²⁰ *“Propter te vivere delectabat, propter te non pigebat mori, te enim ambo superstitem precabamur, tibi non supervivere non iuvabat”.*

eram gêmeos pelo nascimento, mas como gêmeos tinham a comunhão de sentimentos e a estrutura física. Se Ambrósio era delicado, frágil e fácil de pegar doenças, também Sático não era muito forte. Sobre a débil compleição haviam pesado as fadigas da viagem, a inclemência da estação, as violentas e imprevistas emoções. Era frágil, descuidou toda prudência e, ao antepor sempre o bem dos outros a qualquer cuidado consigo mesmo, apressou um mal talvez latente²¹.

O retorno a Milão

Deveria ser maio ou junho de 379 quando Sático readquiriu forças e pensou voltar a Milão. Os amigos que o haviam assistido durante a doença, a Simmaco, que o tratava como irmão, aquela viagem pareceu prematura e temerária. Ninguém percebeu que intenção havia por trás daquela decisão. Sático não fazia confidências senão ao irmão. Ele sabia que morreria logo, talvez daí a poucas semanas e não se iludia com a melhora de seu estado, talvez a melhora da morte. Fazia acreditar que estava melhor do que na realidade estava para partir logo, porque queria morrer em Milão.

Foi em vão todo esforço de Simmaco para retê-lo. Aurelio Simmaco, o amigo da juventude, havia se tornado prefeito de Roma, e ainda que pagão, não havia mudado a amizade que o unia aos Aurelii. Ambrósio, como Sático, o chamavam de “irmão comum” e o chamará inclusive de parente. Não conseguindo deter Sático, para livrá-lo do

²¹ *“periculum non refugerit, sed ad periculum venerit patiens iniuriae, neglegens frigoris sed hoc ipso beatus, quod dura licet vigore uti corporis, inoffenso ad exsequenda quae vellet functus iuventutis officio vitam vixit, debilitatem ignoravit”.*

perigo, lançou mão de outro recurso: mostrou-lhe os perigos da guerra. No dia 19 de janeiro de 379, Graziano, ainda retirado em Sirmio, havia nomeado o imperador do Oriente. Seu colega no comando era o duque espanhol Teodósio, filho de um general. Embora Teodósio se revelasse habilíssimo na guerra, naqueles primeiros meses ele não podia atacar, devia apenas defender-se. A derrota de Valente e o conseqüente abandono de posição sobre o Danúbio, haviam aberto acesso ao Império, não somente aos Godos, que há tempo pressionavam nas proximidades dos Alpes Giulie, mas também da Alemanha e da Scizia que matavam sem trégua em Mesii, Traci, Dalmati e Greci. A Itália era por isso ameaçada, e a sede mais tranqüila era Roma e não Milão, que, por sua posição geográfica, poderia ser invadida pelos Godos ou pelos alemães. À guerra, às portas da Itália, correspondia também internamente, um vislumbre de derrota ou indício de esfacelamento do Império. Uma agitação e um avantajar-se dos carrascos e da soldadesca infiel e prepotente, tornavam insegura toda comunicação entre as regiões, e quase impunemente impossível a viagem de Roma a Milão.

Simmaco acreditava ter dissuadido Sático da viagem ao unir cordial e fraterna hospitalidade, à oferta de afeto e de amizade, ao citar Roma como um porto seguro em meio àquele ondear de escuras vicissitudes, entre toda sorte de aventuras perigosas aos viajantes. Não sabia que caráter se escondia sob aquele humilde aspecto, não imaginava a coragem daquele homem taciturno e solitário. E o quê fez Sático?²²

Sático respondeu a todas as observações de Simmaco que se havia um perigo para Milão, tanto menos poderia ele

²² “*Qui cum a viro nobili revocaveris Symmacho tuo parente, quod ardere bello curreres, respondisti hanc ipsam tibi causam esse veniendi, ne nostro deesses periculo, ut consortem te fraterni discriminis exhiberes*”.

permanecer tranqüilo em Roma, e se também a Itália era um incêndio de guerra, e podia encontrar a morte a cada passo, era preciso, por isso, que ele partisse sem demora: “não quero estar longe do perigo dos meus caros. Para nós não há senão uma única sorte”.

CAPÍTULO VI

A MORTE

Esplêndida vitória do Cristianismo

Quando Sátiro, que havia se sentido mal também durante a viagem, chegou doente a Milão e a muito custo permanecia de pé, Milão esperava a vinda de Graziano.

Longa, ininterrupta e afetuosa tinha sido a correspondência entre o Imperador e o bispo de Milão, que ainda não se conheciam pessoalmente. Graziano, antes de empreender a guerra contra os godos, havia pedido a Ambrósio o conforto espiritual de seus livros *“De Fide”* que Ambrósio lhe havia mandado. Mas, no correr da guerra e em especial durante a sua permanência em Sirmio ou em Treviri, o Imperador havia sentido falta do bispo e muitas vezes lhe havia manifestado o desejo de tê-lo consigo. *“Desejo muitíssimo a presença daquele que vive em minha memória e de quem estou perto com o espírito. Apressa-te portanto a vir a mim, religioso sacerdote de Deus...”*

Ambrósio, porém, não se moveu. Talvez não quisesse abandonar a Igreja na ausência de Sátiro, ou talvez a carta

do imperador tenha atrasado, o fato é que escreveu ao Imperador assegurando-lhe o seu devotamento e reconhecimento e pelo encontro frustrado disse: “não me faltou o afeto se eu não fui ao encontro de tua clemência, somente certo impedimento cortou as asas do amor. Mas se não corri a teu encontro com o meu corpo, precipitei-me a ti com minha alma, com o meu suspiro, com tudo aquilo que te é tão caro no meu ministério sacerdotal”.

Depois disso Graziano não tardou a vir a Milão. Permaneceu algum tempo ainda nas Gálias, o necessário para desobrigar-se de alguns trabalhos, entre outros, fez cônsul o poeta Ausonio, seu preceptor.

No dia primeiro de agosto de 379, já o encontramos em Milão, onde finalmente pode encontrar Ambrósio. Sático, no extremo das forças, já não se levantava do leito e Ambrósio dedicava-lhe a maior parte de seu tempo.

Desde o primeiro e rápido encontro o Imperador sentiu confirmados o afeto e a amizade que havia experimentado por Ambrósio. Da íntima união espiritual entre ele e o Bispo, durante os três anos que Graziano permaneceu em Milão, jorrou uma série de providências em favor da Igreja, testemunhas da benéfica influência do Bispo. São disposições rígidas, duras e justas tendo em vista as corporações privilegiadas. São disposições alimentares nas quais o espírito de ordem se une ao da caridade; são leis contra a ladroeira. Antes de todas, a lei geral, contra os hereges que modifica o edito promulgado em Sirmio, no ano anterior. (Cod. Theod.16,t.5).

Entretanto novos tempos surgiram para a Igreja também no Oriente, onde Teodósio havia oposto ao inimigo uma tática inteligente, conseguindo dividir os exércitos e combatê-los separadamente. Batizado por Santo Ascolo, bispo de Tessalônica, Teodósio combateu sempre pela Igreja de Jesus Cristo contra o paganismo, até que no dia

28 de fevereiro publicou o famoso edito com o qual prescrevia a todos os seus súditos abraçarem a religião proclamada no concílio de Nicéia²³.

Sátiro lentamente se apaga

Infelizmente Sátiro não pode ver essa esplêndida vitória do Cristianismo no Oriente. Ele lentamente se apagava diante da consternação de Ambrósio e de Marcelina.

Quando os irmãos acreditavam que todo perigo de morte havia terminado, ao vê-lo retornar da África e do naufrágio, eis que, ao invés, a morte vinha arrancar-lhes seu querido.

Sátiro, nos primeiros dias, pensou que apenas o cansaço da viagem o prostrava daquele jeito. Tentou retornar a suas incumbências familiares e a seus costumes piedosos, mas as forças não lhe permitiram. A princípio não queria entregar-se ao repouso no leito, depois, percebendo cada vez mais que seu fim estava próximo, dava graças a Deus por tê-lo ouvido, concedendo-lhe terminar seus dias em Milão. Tornava-se evidente para ele que, mais uma vez, o Senhor o havia escutado, e, feliz contava ao irmão, que não podia conter as lágrimas, a história de seu voto feito em S. Lourenço.

“Sátiro, se ao menos tivesses pedido, com a graça de terminar seus dias entre nós, a graça de uma vida longa em nossa companhia...” mas logo se sujeitava à vontade divina: “mas, ó Deus, sejam dadas graças a Ti, que não nos negaste

²³ *“In tali volumus religione versari, quam divum Petrum apostolum tradidisse Romanis religio usque adhuc ab ipso insinuata declarat, quamque pontiflcum Damasum sequi claret, et Petrum Alexandriae episcopum, virum apostolicae sanctitatis: hoc est, ut secundum apostolicam evangelicamque doctrinam, Patris et Filii et Spiritus sancti unam deitatem sub pari Maestate et sub pia Trinitate credamus”*

o consolo de rever o amadíssimo irmão que voltou a nós das praias sicilianas ou africanas. Compreendi logo que havias adiado chamá-lo a Ti, enquanto não o tivéssemos estreitado ao coração”.

Entretanto não parecia verdade a Ambrósio que Sático pudesse morrer. Dirigiu-se aos médicos mais ilustres que o confortavam com esperanças ilusórias, às quais, por amor ao irmão, Sático fingia acreditar. Mas havia predisposto tudo para sua partida, deixando para seus pobres a parte de bens que ainda lhe restavam e também daquele débito de Prospero, que lhe havia custado a prematura perda da vida. Preparava-se para partir com doce resignação, com aquela serena antevisão dos bons cristãos que, detendo-se no pensamento da morte, sem medo, asseguram aos que ficam uma herança de caridade, que possa continuar a ser administrado como se eles ainda estivessem presentes²⁴. A quem melhor poderia confiar os bens, certo de que os distribuiria de acordo com sua vontade? Disse apenas a Ambrósio e a Marcelina: “Dareis aos pobres o que quiserem”.

A piedosa morte

“Dareis aos pobres o que quiserem”. Foram as palavras que repetiu até morrer. Não tinha saudades do mundo que deixava. Estava pouco ligado aos bens terrenos, e assim os havia sempre considerado, de tal forma que não lhe parecia

²⁴ “*Non oblitus pauperum, sed tantum obsecrans esse tribuendum quantum nobis iustum videret*”.

privar-se deles. A ambição, em momento algum de sua vida, havia ofuscado o intelecto, para que devesse arrepender-se de não ter conseguido as honras merecidas. Para ele a morte não era o término da existência. Não precisava chorar pelos irmãos que havia reencontrado. Morria assim na serena paz dos justos. Era o dia 17 de setembro de 379. Não acontecia o mesmo com Ambrósio: ele sentia que seria deixado sozinho. Quem fica sofre. A morte é impressão gélida de separação para os vivos que devem retomar uma vida interrompida pela ausência de uma pessoa que dava conforto e calor à existência. Sático havia terminado seu encargo de bondade e caridade, reentrava no mundo das almas, fazia-se todo espírito e deixava a responsabilidade humana a Ambrósio.

A dor de Ambrósio, de Marcelina e da cidade

Ambrósio se sentia despreparado para enfrentar a vida sozinho. O irmão havia sido para ele um grande guia, não queria deixá-lo partir. Debruçado sobre o irmão, esquecido de todos os outros cuidados, alheio, enquanto enxugava o suor do qual Sático estava banhado, naquela quente estação. Vigia sua respiração para se convencer de que ainda não havia chegado a última hora daquela existência terrena, e nunca pareceu que lhe viesse a faltar. Transmítia o seu alento ao moribundo, como para infundir-lhe a vida novamente. “Eu acreditava que com isso ou tu me darias a tua morte ou eu te infundiria a minha vida”. Abraçava-o como para nunca mais se separar dele. “Ó mísero abraço no qual senti chegar teu último suspiro e teu corpo exânime abandonar-se nos meus braços”. Marcelina não percebeu que Sático estava morto porque Ambrósio o tinha tão estreitamente apertado, que aquele corpo tinha ainda uma aparência de vida, nem se abandonava inerte, mas pelo contato com o irmão tinha ainda algum movimento quase

vital e o calor do vivo ainda estava no morto. “Eu o apertava entre meus braços, jamais perderia aquele que queria reter, e fixava seu rosto como para fixar seu último suspiro e dar, eu também, meu último suspiro e sentir-me em sua companhia na morte. Mesmo assim não sei dizer quanto aquele seu último suspiro me tenha passado sopro de vida e como na sua própria morte exalasse perfume a flor de suprema beleza”.

Marcelina teve de afastar suavemente o irmão que não se cansava de olhar o rosto de Sátiro, como se quisesse imprimi-lo na mente, como estava naquele momento em que livre de toda fadiga mortal, irradiava uma beleza superior pelo reflexo de uma alegria da qual a alma já exultava no Céu. E como um menino levado a outro lugar, Ambrósio não cessava de repetir: “Que farei agora? Porquanto em ti, Sátiro, perdi a doçura da vida, o consolo, a beleza?”

A notícia da morte se espalhou rapidamente pela cidade, e a todos fazia chorar: os ricos, amedrontados por se darem conta da nulidade de suas riquezas; os velhos que, pela sabedoria de vida, o estimavam como um deles; os jovens, atraídos por aquela comedida suavidade; as mulheres choravam porque nele haviam encontrado consolo em suas tristezas e lutos; as crianças que, por sua simplicidade e inocência, se haviam aproximado dele confiantes; e especialmente os pobres que o choravam por terem perdido seu benfeitor e amigo.



A sepultura de S. Sátiro — Baixo relevo — Basílica Ambrosiana

Os funerais

No dia dos funerais uma onda de gente seguia o féretro. Ambrósio segurava em um dos lados²⁵ Marcelina vinha entre as mulheres e amorosa sondava o andar do irmão.

Ainda chorando, Ambrósio subiu ao ambão na basílica de Fausta e começou a fazer o necrológio do irmão, mas pouco a pouco, das lembranças da infância em comum e da vida passada juntos, chegando à esperança da vida futura enxugou as lágrimas. Para ele também havia chegado a divina esperança na ressurreição: *“Cessaram então as lágrimas, deixemo-nos vencer pelos divinos confortos. Entre os fiéis e os infiéis deve haver algo que os diferencia. Choram então aqueles que não podem esperar na ressurreição, choram os adoradores de ídolos, choram esses e os seus caros que acreditam haver perdido para sempre. Para eles não resta nenhuma trégua no pranto, não resta descanso, pois não crêem no repouso da morte. A nós, para quem a morte não é destruição da natureza, mas término desta vida e renascimento para uma vida melhor, o pranto é bálsamo para a ferida que a morte deixa. Se os infiéis encontraram algum conforto ao crer que depois da morte tudo está acabado, quanto mais nos consolaremos nós, que depois da morte esperamos receber o prêmio das nossas boas obras”*.

Aos poucos Ambrósio dissolvia a dor humana em uma contemplação como em uma mística revelação. Como em tempos atrás, não apressava mais, com o pensamento, a volta do irmão a ele, sobre esta terra, mas outro retorno, na fé e na esperança, ele apressava um retorno de almas, no Céu. *“Peço-te não demores tanto a permitir-me teu desejado abraço. Vê! Eu caminho para ti, espera-me, ajuda-me na corrida e se vir que me atraso, chama-me”*.

²⁵ *“O durior cervix, quae tam lugubre onus, consolabili licet obsequio, gestare potuisti!”*



Basilica Ambrosiana - Capela da nave direita - urna de S. Sático.

«Martyris ad laevam»

E daquele momento Sático começou a esperar o retorno do irmão Ambrósio, que devia ainda terminar a sua corrida entre as vicissitudes dos homens que ele queria também redimir. Mas como Ambrósio poderia julgar-se sozinho na luta? Na verdade ele jamais esteve sozinho. Bastava-lhe, nos momentos de desânimo por causa da incompreensão humana, das adversidades terrenas, pedir conselho ao irmão que repousava no tumulo à esquerda do mártir Vittore:

“Uranio Satyro supremum fratrem honorem

Martyris ad laevam detulit Ambrosius.”

“Haec meriti merces, ut sacri sanguinis humus

Finitimas penetrans alluat exuvias”.

“ O irmão Ambrósio prestou a Urânio Sático a máxima honra colocando-o à esquerda de um Mártir”.

*“Este, é prêmio dos seus méritos: que o sangue sacro,
que embebe esta terra, banhe seus despojos, ao lado.”*



Basilica de Santo Ambrósio

APÊNDICE

IGREJAS DE MILÃO DEDICADAS A S. SÁTIRO

A BASÍLICA FAUSTA

O ORATÓRIO SATIRIANO

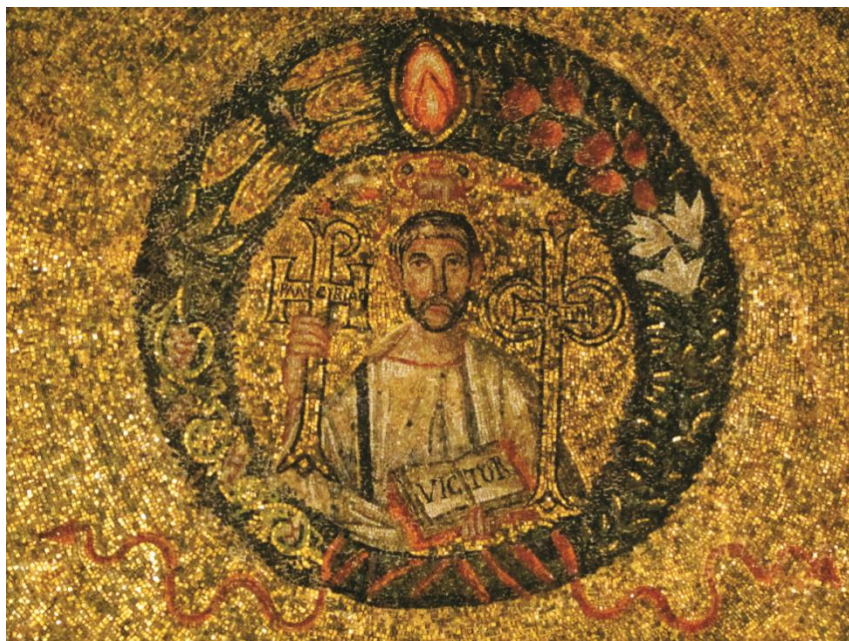
Santo Ambrósio depôs, com suas mãos, a urna do irmão Sátiro ao lado da sepultura do mártir S. Vittore, em uma capela isolada no vasto “Cemitério dos Mártires”.

Aquela capela cemiterial, denominada Basílica Fausta, foi também chamada de S. Vittore “in Ciel d’oro”, depois Sacelo Satiriano e, por fim, Capela de S. Sátiro, quando foi incorporada à grande Basílica Ambrosiana.

Surgido, como primeiro núcleo, no IV século, para guardar as relíquias de S. Vittore, recebeu depois os espólios de S. Sátiro. Ornado de mosaico, no final do século V, incorporado a uma pequena basílica, no século XII; anexado à grande Basílica em fins do século XV, reformado no Setecentos, violado no Oitocentos; entre 1937 e 1940 foi completamente investigado, revolvido por Reggiori.

Sobre as paredes laterais, em cima e entre as janelas, estão os célebres mosaicos do século V, com as representações, à esquerda, de Santo Ambrósio entre os santos Protásio e Gervásio, à direita, S. Materno entre os santos Nabore e Felice. Particularmente vivo e precioso é Santo Ambrósio, tido como retrato mais antigo dele.

No alto da cúpula totalmente revestida de tesselas de ouro (daí seu nome), numa guirlanda de flores e frutas está o busto de S. Vittore.



Basilica Ambrosiana – Sacello di San Vittore in Ciel d’Oro.

Ao poente, sobre o altar, em uma urna há um sarcófago de mármore, no qual foram colocadas as relíquias de São Sátiro no século IX, aí permanecendo até 1857²⁶.

²⁶ Desde 1980 os restos mortais de S. Sátiro foram colocados em uma urna de cristal, na primeira capela à direita de quem entra em Santo Ambrósio.



Basílica Ambrosiana – Sacello de S. Vittore in Ciel d'Oro – Mosáico representando Sto. Ambrósio (detalhe).

A Sacristia próxima, chamada dos Monges ou das Missas, em cujas paredes Tiepolo havia pintado a grande composição com a Glória de S. Bernardo, completamente destruída pelo bombardeio entre 15 e 16 de agosto de 1943, guarda agora outras duas grandes cenas de Tiepolo: o Martírio de S. Vittore e o Naufrágio de S. Sático.

De «La BASILICA AMBROSIANA»

dell'Arch. Ferdinando Reggiori

A IGREJA DE “SANTA MARIA JUNTO A SÃO SÁTIRO”

Existe em Milão uma Igreja intitulada S. Sátiro. Atualmente tem a fachada principal voltada para a Rua Torino (antes, Rua da Lupa), com duas portas de entrada, também do lado oposto, na Rua Falcone (antigamente, Rua S. Sátiro). Perto do campanário (torre românica quadrada) encontra-se uma Igrejinha cruciforme, esplêndido quiosque da Pietà de Bramante, chamada também de “Basilichetta”.

Parece que no ano 321 (logo após o edito de Constantino) lá tivesse sido reconstruída, sobre a área de um antigo templo a Júpter, a “Basílica Fidelium Christianorum”, usando colunas e capitéis preciosos, também egípcios, ainda existentes. Parece que Sto. Ambrósio (375-397) a consagrou em honra ao Papa S. Silvestre (morto em 335) e a cabeça do santo foi levada de Roma para lá.

Alguns histriadores dizem que ao lado da igrejinha cruciforme originária estava a casa da família de Ambrósio, portanto de Sátiro com a irmã Marcelina.

Quinhentos anos depois de Ambrósio, o Arcebispo Ansperto Confalonieri Biassono (868-882) construiu uma nova Igreja na atual Via Falcone, nos terrenos de sua

propriedade, ao lado de sua casa como se vê na inscrição da “Lápide de Ansperto”, compilada pelo Diácono Andrea, atualmente na Basílica Ambrosiana, e durante algum tempo, no túmulo ocupado por Ansperto: *“Aqui jaz Ansperto... dedicou a S. Sátiro uma Igreja e uma casa, dando àquele santo lugar todos os seus bens, para sustento de oito monges, para sempre. S. Sátiro e Sto. Ambrósio intercedam por eles”*.

Ansperto deseja que a Igreja, construída por ele, por volta de 879 em honra dos Santos Sátiro, Silvestre e Ambrósio ficasse sob a dependência do Abade “*pro tempore*” do Mosteiro de Sto Ambrósio, ao qual cabia o direito de nomear o Reitor da Paróquia de S. Sátiro. No dia de S. Sátiro, os Monges de Sto Ambrósio deveriam ir lá para celebrar. Quando os Monjes Beneditinos de Sto. Ambrósio foram substituídos pelos Monjes Cistercienses o nome do Reitor passou a ser Arcebispo.

A nova igreja se chamou logo de S. Sátiro e Via S. Sátiro a rua que levava a ela. A igreja em forma cruciforme, sem ser incorporada, está unida no interior à nova igreja. Junto à igreja, Ansperto, certamente, construiu também o campanário, o mesmo que hoje vemos e que remonta exatamente ao século IX. A sua forma quadrada, maciça lembra o estilo da Basílica de Sto. Ambrósio e a arquitetura do seu Átrio, que se chama justamente «Átrio de Ansperto».

No seu testamento Ansperto (789) destinou sua casa, na Via S. Sátiro, ao Hotel para peregrinos (albergue, com um pequeno Convento para o serviço do Hotel e da Igreja), nas dependências do Mosteiro de Sto. Ambrósio. De um documento de Carlo il Grosso (880) conclui-se, que o Hotel acima nomeado (Albergo del viandante) é o mais antigo no gênero.



Milão - Santa Maria junto a S. Sátiro.

A 25 de março de 1242, certo Massario, saindo embriagado de uma taverna golpeou sacrilegamente, como um endemoniado, um afresco de Nossa Senhora com o

Menino nos braços (hoje no altar Mór). Deu um golpe no pescoço do Menino Jesus. O sangue jorrou e se espalhou sobre o rosto e as mãos do agressor. Os Monges acorreram, constataram o milagre e, com lencinhos, recolheram o sangue precioso e o facão horrível, cheio de sangue, ainda religiosamente conservado. Massario, inimigo de Deus, arrependido, mudou de vida, vestiu o hábito de S. Bento e viveu rigorosa penitência, que lhe conquistou o mérito de ser enumerado entre os Beatos.

Pelo ano de 1482 os Duques de Milão, Bona di Savoia e Gian Maria Visconti, para satisfazer as aspirações do povo, assumiram a reconstrução de S. Sátiro. Ludovico, o Mouro, transformou a pequena basílica na Capela da Pietà com a Deposição da Cruz. Trata-se, efetivamente de uma reconstrução, pois a Igreja de Sta. Maria ao lado de S. Sátiro, como a vemos hoje, em T, foi formada por duas igrejas cruzadas: a que permaneceu, de Ansperto, chamada de S. Sátiro, na Via S. Sátiro (agora Falcone), e a nova, de Sta. Maria, voltada para a Via della Lupa (agora Torino), chamada justamente de “S. Maria presso S. Satiro”. A pequena Basílica (Capela da Pietà) está ligada, no interior, com a Igreja, como uma capela da mesma, enquanto no exterior parece nitidamente separada e distinta.

O arquiteto que realizou essa complexa reconstrução, virou completamente de cabeça para baixo a linha central da primeira Igreja e, como no fundo da nave principal, à direita do altar mór, faltava espaço para o côro, criou o falso côro, coisa estupenda pelo maravilhoso efeito ótico.

Discutiu-se muito sobre o nome do artista, que projetou e construiu a nova igreja. Mas parece indiscutível que tenha sido obra de Donato da Urbino, apelidado Bramante.

Com Bramante, trabalhou em S. Sátiro, Caradosso. “Bramante, fazia, Caradosso decorava”, se lê numa lápide. Cristoforo Foppa, apelidado Caradosso, cinzelador,

medalhista, especializado sobretudo na arte do baixo relêvo, rival de Benvenuto Cellini, colaborou na decoração interna de toda a Igreja com ornatos em terracota à vista, os semi-círculos, os medalhões, sobre desenho de Bramante. Não são dele, mas de Agostino de Fondutis, as quatorze magníficas estátuas em terracota da Capela da Pietà, como parece dever atribuir a ele os oito medalhões, com as estupendas cabeças em terracota, da antiga sacristia que, com os dezesseis quadros de cupidos, formam “um grande ornato de duzentos e quinze braços ao longo das naves da igreja e braços da cruz” .



Santa Maria junto a São Sático – Altar mór – Medalhões em bronze dourado representando S. Sático e Sto. Ambrósio.

Sobre o altar mór, na base da cornija de mármore, que enquadra o afresco da Madonna dei Miracoli de S. Sático, próximo ao tabernáculo, existem dois medalhões em bronze dourado, que representam os irmãos Ambrósio e Sático.

Os dois irmãos revelam sua perfeita semelhança, e o sólido de Ambrósio o diferencia. Os dois medalhões são verdadeiras obras de arte. Seu finíssimo burilar, sua rara

beleza fogem ao observador apressado, mesmo porque, se a douração enriquece os medalhões, reduzem-lhes a qualidade, o valor artístico, ocultando todo relevo na uniformidade luminosa do ouro.

Prof. Alessandro Grosso

A CAPELA DAS IRMÃS MARCELINAS DE PIAZZA TOMMASEO

Erigido o Instituto em 1906, pensou-se dedicá-lo a S. Sático, irmão de Sta. Marcelina, Protetora das Irmãs que trazem o nome dela.

À Santa haviam sido dedicadas as capelas dos colégios de Cernusco sul Naviglio (1838)²⁷, e de Genova-Albaro (1882), enquanto a Sto. Ambrósio fôra dedicada a Capela da Casa de Chambéry (1876). Para completar a família restava S. Sático, o irmão apóstolo no mundo. A ele, portanto foi dedicada a capela do novo Instituto de Piazza Tommaseo.

O protetor do trabalho apostólico no mundo abençoou um externato, que prometia estender sua influência espiritual a um grande número de jovens, na sociedade que se renovava.

Na nova Capela, que recebeu a bênção no dia 17 de setembro de 1906, um retábulo, propositalmente pintado pelo Prof. Magistretti, representava o Santo ajoelhado, ao lado o mar tempestuoso e o naviozinho oscilante em meio às ondas ameaçadoras. O Santo em fervorosa oração,

²⁷ Aí se encontra um quadro pintado por Suor Gonin (Ir. Marcelina), representando S. Sático adolescente.

braços voltados para a Santa Hóstia, que brilha como sinal de salvação, no céu cinzento (foto pag. 67).

Em 1919, a 22 de julho, a Capela foi transferida para a direita do prédio, seja porque o local parecesse mais amplo e adequado ao número crescente de alunos, seja porque, no grande salão prebramantesco (transformado em Hopital Militar nos anos 1915-1918), quarenta e dois soldados aí haviam piedosamente morrido. O lugar, onde ressoava o eco do heróico sacrifício, destinado ao culto, correspondia sobretudo à sensibilidade espiritual do momento. O retábulo foi transportado para a nova capela.

Em outubro de 1940, em plena atmosfera bélica, foi abençoado um novo retábulo doado pelas alunas. Esse, correspondia melhor tanto ao tamanho da Capela, com à sensibilidade artística da época. Magistralmente pintado pelo Revmo. Prof. Dom Mario Tantardini com requintada arte e com profunda espiritualidade, representa o Santo, que se eleva transfigurado sobre o mar tempestuoso, trazendo devotamente o Sagrado Pão Eucarístico, sobre o coração.

Finalmente, em 1946, após a restauração da Capela, muito danificada pela guerra, é pintada sobre a ampla parede do fundo, a “Madonna degli Angeli” a fim de criar para as alunas um cenário inspirado, que se impusesse à sua jovem atenção, num período tão cheio de novos ideais.



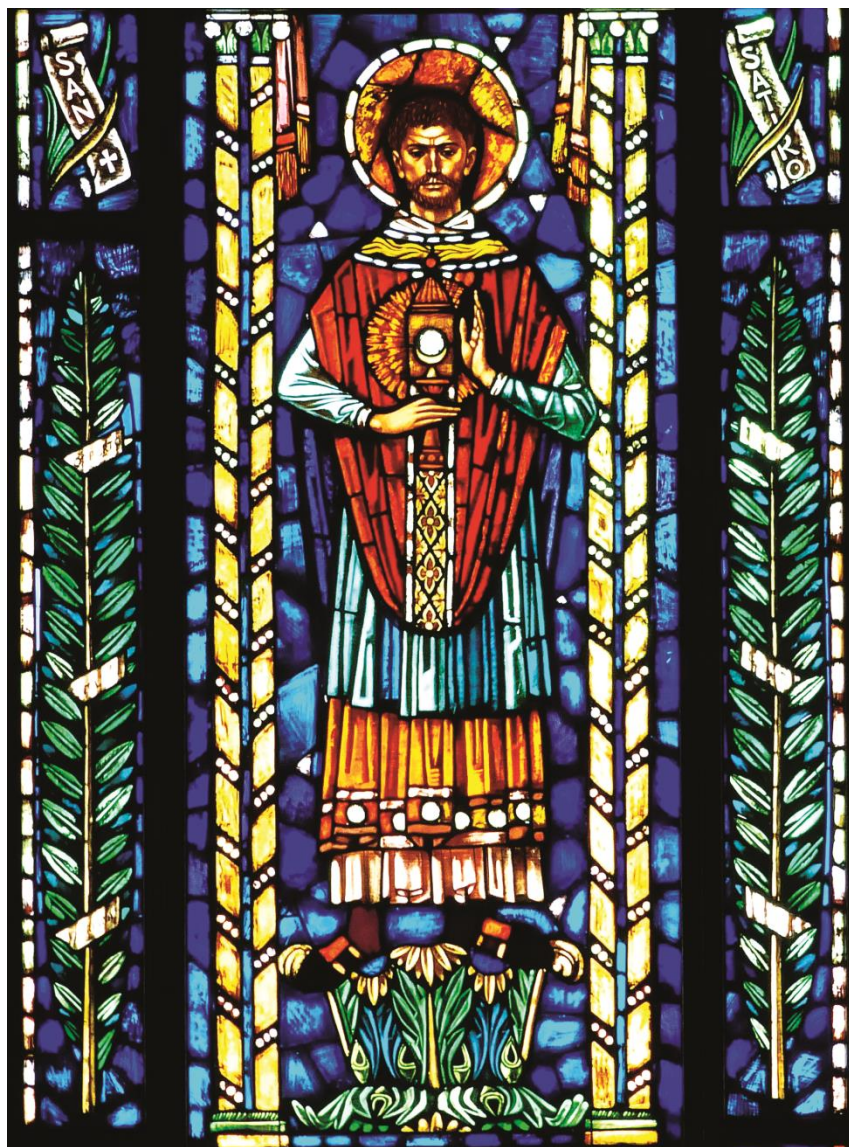
Milão - Capela das Irmãs Marcelinas de “piazza Tommaseo”.

S.Sátiro, também cedendo-lhe o lugar e retirando-se à direita do altar, em um artístico vitral, (Paolo Rivetta 1956) continua a ensinar às Irmãs, às alunas e às suas famílias a amar Jesus Eucarístico, a enfrentar as dificuldades da vida por seu amor e a pregá-lo ao mundo com fé e generosidade²⁸.

²⁸ Uma anedota. Conta-se que, durante a segunda guerra mundial, a Milícia Italiana havia solicitado uma sala, chamada “sala vermelha” e outros ambientes da casa. Uma manhã, um jovem desconhecido, nunca visto, nem antes nem depois, disse com autoridade a Ir. Esterina Perego, que permaneceu com algumas poucas Irmãs para cuidar da casa: “Diga aos militares que até ao final do dia devem levar embora o que colocaram no armário da sala vermelha. Senão a Senhora os denunciará”. Ir. Esterina cumpriu exatamente a ordem recebida e os militares, sem discutir, esvaziaram o armário das armas que haviam escondido. Segundo Ir. Celestina o jovem

O vitral lembra aquele “gotiche piombate”, a que se junta a técnica do claro escuro introduzida no Renascimento e retomada pelo 800. Os elementos decorativos e simbólicos enfeitam as figuras solenes dos santos bizantinos, assim como as coluninhas douradas e o cortinado púrpura, sinais de realeza e de autoridade divina conferidas por Deus a seus santos. O prado florido, sob os pés do santo, simboliza o Jardim do Paraíso e as palmas, nas quais se entrelaçam seu nome, o prêmio conquistado por quem competiu a Vida eterna e venceu, como as palmas oferecidas, no mundo clássico, aos vitoriosos. O céu cinzento com pequenas inserções brancas lembra o céu estrelado, outro símbolo bizantino do Paraíso, enquanto o loureiro dourado é tema decorativo proveniente do mundo clássico. Despertam certa estranheza: a pequena casula, as vestes e o cálice com a hóstia, que lembram o sacerdote, que Sátiro não era. Mas a hóstia é, certamente recordação do milagre que um fragmento da hóstia fez, salvando-o do naufrágio.

desconhecido não era senão São Sátiro, muito invocado pelas Irmãs naqueles tempos perigosos.



Milão – Capela das Irmãs Marcelinas de “piazza Tommaseo” – Paolo Rivetta – 1956 – Vitral de S. Sátiro.

ÍNDICE dos CAPÍTULOS

Introdução.....	5
Apresentação.....	9
Capítulo I – Infância em Treviri.....	13
Capítulo II – Sátiro em Roma	19
Capítulo III – Sátiro nas Províncias e em Milão.....	35
Capítulo IV – A partida de Sátiro	49
Capítulo V – A viagem de Sátiro.....	59
Capítulo VI – A morte	71
Apêndice– Igrejas de Milão dedicadas a S. Sátiro	81
A Igreja de “Santa Maria junto a São Sátiro”.....	87
Capela das Irmãs Marcelinas de “Piazza Tommaseo”. ..	93

Impressão terminada em Julho de 2015
Por: Effetiva Soluções Gráficas
São Paulo, SP